



Universidade de Brasília (UnB)
Faculdade de Ciência da Informação (FCI)
Graduação em Biblioteconomia

RAYANA LEONEL TÁVORA DE AZEVEDO

**O ESPAÇO “CASSIANO NUNES” E O DESENVOLVIMENTO
DE COLEÇÕES DA BIBLIOTECA CENTRAL DA
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA:**

a aplicação da política de seleção ao colecionismo

Brasília

2015



Universidade de Brasília (UnB)
Faculdade de Ciência da Informação (FCI)
Graduação em Biblioteconomia

RAYANA LEONEL TÁVORA DE AZEVEDO

**O ESPAÇO “CASSIANO NUNES” E O DESENVOLVIMENTO
DE COLEÇÕES DA BIBLIOTECA CENTRAL DA
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA:**

a aplicação da política de seleção ao colecionismo

Monografia apresentada ao curso de Biblioteconomia da Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília como requisito à obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Rabello

Brasília
2015

Dados Internacionais de Catalogação da Publicação (CIP)

A994e

Azevedo, Rayana Leonel Távora de.

O “Espaço Cassiano Nunes” e o desenvolvimento de coleções da Biblioteca Central da Universidade de Brasília: a aplicação da política de seleção ao colecionismo / Rayana Leonel Távora de Azevedo. – Brasília, 2015.
107f. ; 30cm.

Monografia (Graduação) – Universidade de Brasília, Faculdade de Ciência da Informação, 2015.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Rabello.

1. Desenvolvimento de coleções. 2. Colecionismo. 3. Política de Seleção. I. Rabello, Rodrigo. II. Título.

CDU 025



Título: O “Espaço Cassiano Nunes” e o desenvolvimento de coleções da Biblioteca Central da Universidade de Brasília: a aplicação da política de seleção do colecionismo.

Aluna: Rayana Leonel Távora de Azevedo.

Monografia apresentada à Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Brasília, 11 de agosto de 2015.

Rodrigo Rabello da Silva - Orientador
Professor da Faculdade de Ciência da Informação (UnB)
Doutor em Ciência da Informação

Dulce Maria Baptista – Membro
Professora da Faculdade de Ciência da Informação (UnB)
Doutora em Ciência da Informação

Fernando César Lima Leite – Membro
Professor da Faculdade de Ciência da Informação (UnB)
Doutor em Ciência da informação

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus pelas oportunidades que coloca em meu caminho e por ser tão bom me cobrindo de bênçãos.

Aos meus pais Marcos e Viviane, e a minha irmã Fernanda Leonel por todo carinho, incentivo, amor e educação que me deram.

Agradeço especialmente à querida Maria de Jesus Evangelista (Maju) por dedicar seu tempo e sabedoria para auxiliar na operacionalização deste trabalho.

Ao meu orientador, professor Rodrigo Rabello, pela paciência, apoio e ensinamentos transmitidos.

Agradeço aos Professores Fernando César Lima Leite e Dulce Maria Baptista por aceitarem a participar da banca de defesa e por todas as valiosas contribuições.

Agradeço aos meus amigos Hallison Phelipe e Lorena Flávia pelo carinho e parceria na correria de cada semestre e nos obstáculos de nossas vidas.

Agradeço também ao meu namorado, Bruno de Sales, que esteve comigo por toda a graduação, nos momentos difíceis e nos felizes, dando carinho e suporte.

*“Aqueles que passam por nós, não vão sós,
não nos deixam sós. Deixam um pouco de si,
levam um pouco de nós.” (Antoine de Saint-
Exupéry)*

RESUMO

O ato de colecionar existe desde os tempos mais remotos. Coleções de objetos formados por acaso ou com intenções iniciais possuem uma gama de significados que nos levam a estudar a forma com a qual os objetos são colecionados e as relações estabelecidas entre coleção e colecionador. Dentro dos tipos de coleções, a bibliofilia se mostra uma forma de amar os livros; o colecionador, no caso, atribui ao objeto colecionado – o livro – um sentir particular. Nas bibliotecas, colecionar e preservar a memória trouxe a necessidade de condutas para reger o desenvolvimento do acervo e garantir que a coleção corresponda às necessidades do usuário da instituição, além de cumprir a tarefa de dar base para a missão e o objetivo institucionais à qual está vinculada. Objetiva-se analisar a incorporação de uma coleção particular – desenvolvida por um colecionador, o bibliófilo Cassiano Nunes – doada a uma biblioteca universitária – a Biblioteca Central da Universidade de Brasília (BCE). Foram observadas implicações dessa incorporação no âmbito da política de desenvolvimento de coleções da instituição, algo que permitiu, nos resultados, propor desdobramentos e detalhamentos da mencionada política de modo a auxiliar na seleção e na aquisição de coleções particulares em bibliotecas universitárias e/ou públicas.

Palavras-chave: coleção; colecionismo; bibliofilia; desenvolvimento de coleções; política de seleção; Biblioteca Central da Universidade de Brasília.

ABSTRACT

The collecting act exists since remote times. Collections of objects formed occasionally or with initial intentions have a range of meanings that lead us to study the way in which the objects are collected and the relations between the collection and the collector. Inside the types of collections, the bibliophilia shows a way to love books; the collector, in the case, gives the collected object – the book – a particular feeling. In libraries, collecting and preserving the memory bring us the necessity of behavior to rule the collection development and ensure that the collection corresponds to the institution user's needs, besides fulfilling the task of giving the basis for the institutional mission and purpose on which it's linked. It aims to analyze the incorporation of a private collection – developed by a collector, the bibliophile Cassiano Nunes – donated to a university library – the Biblioteca Central da Universidade de Brasília (BCE). Implications of this merger has been observed in the context of the institution's collection development policy, which allowed, in the results, propose ramifications and details of that policy in order to assist in the private collection's selection and acquisition in university and/or public libraries.

Keywords: collection; collecting ; bibliophile ; collection development ; selection policy; Central Library of the University of Brasilia

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Definição de desenvolvimento de coleções.....	29
FIGURA 2 – Modelo sistêmico de desenvolvimento de coleções de Evans.....	32
FIGURA 3 – Cassiano Nunes em meio à sua coleção.....	47
FIGURA 4 – Objetos pessoais de Cassiano Nunes.....	49
FIGURA 5 – Organização do “Espaço Cassiano Nunes” segundo os critérios da BCE.....	52
FIGURA 6 – Livros deixados por Cassiano Nunes aguardando devido tratamento.....	54

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Divisão do acervo da Biblioteca Central – Brasília – 2015.....	39
TABELA 2 – Divisão do Acervo Cassiano Nunes – Brasília – 2015.....	50
TABELA 3 – Usuários do “Espaço Cassiano Nunes” – Brasília – 2015.....	50
TABELA 4 – Comparativo entre o processo de seleção da BCE e o modelo de política de seleção sugerido pela literatura da área – Brasília – 2015.....	63

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BCE	Biblioteca Central
BDM	Biblioteca Digital de Monografias
BDS	Biblioteca Digital e Sonora
CDU	Classificação Decimal Universal
COMUT	Programa de Comutação Bibliográfica
DSC	Divisão de Seleção e Compras
FUB	Fundação Universidade de Brasília
GID	Gerenciamento da Informação Digital
MEC	Ministério da Educação
NIT	Núcleo de Informática e Tecnologia
OAE	Organismos Internacionais e Assuntos Especiais
RODA	Repositório de Objetos Digitais de Aprendizagem
UnB	Universidade de Brasília

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
1.1 Problema.....	13
1.2 Justificativa.....	14
1.3 Objetivo geral.....	14
1.4 Objetivos específicos.....	15
2 REVISÃO DE LITERATURA	16
2.1 Coleção.....	16
2.2 Colecionismo.....	22
2.3 Desenvolvimento de Coleções.....	28
2.3.1 Processo de Seleção.....	35
3 ASPECTOS CONTEXTUAIS	39
3.1 Biblioteca Central da Universidade de Brasília.....	39
3.1.1 Política de Desenvolvimento do Acervo e critérios de seleção da BCE.....	41
3.2 “Espaço Cassiano Nunes”.....	46
3.2.1 Características do acervo.....	47
4 METODOLOGIA	56
4.1 Delimitação.....	56
4.2 Procedimentos.....	56
5 ANÁLISE DOS DADOS E RESULTADOS	58
5.1 Política de Desenvolvimento do Acervo da BCE e Acervo Cassiano Nunes.....	58
5.2 Proposta de política de seleção.....	64
5.2.1 Responsáveis pelo processo de seleção.....	64
5.2.1.1 Constituição da Comissão de Seleção.....	65
5.2.2 Instrumentos auxiliares.....	65
5.2.3 Critérios gerais de seleção.....	65
5.2.3.1 Critérios.....	65
5.2.4 Políticas específicas.....	66
5.2.4.1 Critérios específicos de seleção.....	66
5.2.5 Aquisição.....	67
5.2.5.1 Prioridades para aquisição.....	67
5.2.5.2 Doações.....	67

5.2.5.3 Compras.....	68
5.2.5.4 Permutas.....	69
5.2.6 Processos complementares.....	69
5.2.6.1 Seleção qualitativa.....	69
5.2.6.2 Seleção quantitativa.....	69
5.2.6.3 Substituições.....	70
5.2.6.4 Reposições.....	70
5.2.6.5 Pagamento de multa.....	70
5.2.7 Desfazimento.....	70
5.2.8 Descarte.....	71
5.2.9 Documentos correlatos.....	71
5.2.10 Recursos.....	71
5.2.11 Atualização da política de seleção.....	72
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	73
Referências.....	76
APÊNDICES.....	80
Apêndice A: Instrumento da entrevista semiestruturada.....	81
Apêndice B: Transcrição da entrevista.....	83
ANEXOS.....	89
Anexo I: Política de desenvolvimento de acervo da BCE.....	90
Anexo II: Minuta – Ato da Reitoria n° X/99.....	105
Anexo III: Espaço Cassiano Nunes: letras e arte na BCE (folder).....	107

1 INTRODUÇÃO

1.1 Problema

A partir da disciplina Formação e Desenvolvimento de Acervos¹ foi despertado o interesse em entender possíveis abordagens da Biblioteconomia no âmbito da formação de coleções bibliográficas e das políticas para o desenvolvimento de coleções, sejam elas institucionalizadas ou não.

O fenômeno da guarda de objetos pode ser observado como uma necessidade que acompanha a trajetória do homem em sociedade. Nessa direção, Murguia (2009) estabelece níveis de relacionamentos para ilustrar essa afirmação. No primeiro nível, os objetos são utilitários, no segundo se apresentam como objetos relacionais ou ferramentas, no terceiro o objeto tem valor simbólico e, finalmente, no quarto nível tem-se o objeto acumulado.

A acumulação, que envolve a aglomeração de objetos para satisfação pessoal ou exposição, é algo comum que nos faz pensar sobre a formalização das coleções. Nas bibliotecas modernas, as coleções são orientadas por parâmetros do desenvolvimento de coleções e organizadas com base em instrumentos de organização da informação, como os sistemas de classificação documentais (Classificação Decimal de Dewey, Classificação Decimal Universal, dentre outros), somados aos padrões institucionais.²

A guarda e a organização dos documentos seguem procedimentos e condutas que, por vezes, transcendem parâmetros objetivos e profissionais, encontrando espaço em escolhas pessoais que passam por dilemas morais e éticos, onde o detentor ou o responsável pela coleção delimita os critérios de obtenção e de guarda de modo não formalizado e seguindo parâmetros próprios.

Para Pearce, “[...] as coleções são dotadas de uma vida própria que tem a relação mais íntima com a de seu colecionador” (PEARCE, 1992, p. 96). Partindo desse pressuposto, foram elencadas algumas questões para a melhor compreensão ou orientação com vistas à resolução ou ao posicionamento ante o problema identificado:

- Como a política de seleção da Biblioteca Central da Universidade de Brasília – BCE – se aplica ao Acervo Cassiano Nunes?

¹ Disciplina realizada no 2º semestre de 2014, ministrada pelo Prof. Dr. Rodrigo Rabello.

² Conforme se observará, no contexto das bibliotecas modernas, o despertar para a importância do planejamento, com vistas ao desenvolvimento das coleções, ocorreu apenas entre as décadas 1960 e 70, com o “[...] movimento de desenvolvimento de coleções” (VERGUEIRO, 1989, p. 11).

- Por que as obras da coleção Cassiano Nunes foram incorporadas em um espaço a parte do acervo?
- Dentro da política de seleção da instituição, qual foi a diretriz que permitiu o recebimento e a incorporação dessa coleção?

1.2 Justificativa

À luz desses questionamentos, a pesquisa se justifica por trazer elementos contextualizadores da prática do colecionismo ao universo do desenvolvimento de coleções, de modo a suscitar reflexões sobre um processo em particular – a seleção – no âmbito das práticas institucionais em bibliotecas que envolvem a formalização dos processos mediante políticas específicas. Espera-se que:

- a identificação ou a adaptação de processos tácitos ou explícitos de seleção – empregados pelo colecionador e incorporados ou adaptados institucionalmente na BCE – possam contribuir para estudos em Biblioteconomia sobre formação e desenvolvimento de acervos em bibliotecas universitárias.
- o estudo contribua para a reflexão sobre as formas de incorporação de acervos particulares advindos do colecionismo em bibliotecas universitárias, bem como sobre as possíveis implicações profissionais, institucionais e sociais que tocam a incorporação de acervos daquela natureza.

1.3 Objetivo geral

O objetivo geral da pesquisa consiste em analisar e comparar critérios e variáveis presentes no desenvolvimento de coleções formais e informais (coleccionismo), tomando como parâmetro aspectos obtidos junto à literatura acerca das coleções – particularmente sobre desenvolvimento de coleções e coleccionismo – para a reflexão sobre critérios biblioteconômicos para desenvolvimento de coleções num contexto institucional específico.

1.4 Objetivos específicos

- a) explicitar aspectos institucionais e critérios de seleção da BCE para a compreensão do processo de incorporação e (re)composição de uma coleção particular, o acervo “Cassiano Nunes”;
- b) propor uma política de seleção para a BCE que aborde políticas específicas para a incorporação de materiais especiais, principalmente para a incorporação de coleções advindas do colecionismo.

Conforme detalhado na seção 4 (referente à metodologia), para a execução dos objetivos foram utilizados recursos documentais – documentos oficiais da BCE, com foco, em particular, na Política de Desenvolvimento de Acervo da BCE (Anexo I) – e bibliográficos, abordando, neste último caso, estudos sobre colecionismo e sobre desenvolvimento de coleções de modo a contrastar as duas perspectivas, tendo como referência o acervo bibliográfico do colecionador Cassiano Nunes e sua incorporação na BCE.

A pesquisa se constitui, portanto, como um estudo de caso a partir de duas análises, uma com base nos critérios de seleção da BCE e a outra tomando como referência o acervo “Cassiano Nunes” incorporado pela biblioteca, algo necessário para relacionar, respectivamente, particularidades de coleções formais em contraponto a características presentes em coleções informais.

A revisão de literatura está estruturada tomando como fio condutor os seguintes conceitos: a) coleção, b) bibliofilia e c) desenvolvimento de coleções. Nos aspectos contextuais do *corpus* foram abordados: a) BCE e sua Política de Desenvolvimento do Acervo, b) “Espaço Cassiano Nunes” e seu acervo. Na metodologia foi apresentada a delimitação do *corpus* e os procedimentos para o cotejo proposto. Na análise dos dados e nos resultados foram apresentados: a) comparação entre aspectos contidos na Política de Desenvolvimento do Acervo da BCE (Anexo 1) e a incorporação do acervo para a criação do “Espaço Cassiano Nunes” e b) proposta de política de seleção para a BCE contemplando a incorporação de coleções particulares advindas do colecionismo.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Esta seção traz o panorama das definições e relações entre coleção, colecionismo e desenvolvimento de coleções com base em textos científicos sobre cada um desses assuntos.

2.1 Coleção

O conceito inicial de coleção é entendido como uma compilação de objetos da mesma natureza. No dicionário “*Grand dictionnaire universel du XIX^e siècle*” de Pierre Larousse (1866, p. 856) as coleções são definidas como um “[...] grande número de objetos do mesmo gênero, como quadros, livros, etc.” Pomian (1984, p. 53) caracteriza as coleções como:

[...] qualquer conjunto de objetos naturais ou artificiais, mantidos temporária ou definitivamente fora do circuito das atividades econômicas, sujeitos a uma proteção especial num local fechado preparado para esse fim, e expostos ao olhar do público.

Pomian (1984, p. 53) diz ainda que esta definição é descritiva e ressalta que as condições para que um objeto seja considerado parte de uma coleção por um lado são:

[...] todas as exposições que são apenas momentos do processo de circulação ou da produção dos bens materiais, e, por outro, todas as acumulações de objetos formadas por acaso e também aqueles que não estão expostos ao olhar (como tesouros escondidos).

Finalizando a abordagem dos objetos não constituintes de uma coleção, o autor nos apresenta um paradoxo implícito nas coleções “[...] por um lado, são submetidas temporária ou definitivamente fora do circuito das atividades econômicas, mas, por outro lado, são submetidas a uma proteção especial, sendo por isso consideradas objetos preciosos” (POMIAN, 1984, p. 54). Neste ponto da argumentação, o paradoxo é o fato de que os objetos possuem valor de uso, mas não possuem valor de troca nas coleções.

Conforme explica Murguia (2009, p. 87), “[...] os estudos de coleções se configuram, na atualidade, como um vasto e fértil campo de estudo que têm contribuído com múltiplas áreas do conhecimento, oferecendo diversas abordagens e interpretações”. As coleções, para o autor, são entendidas como um relacionamento existente entre pessoa e objeto,

[...] as pessoas se relacionam com os objetos e as coisas de formas diferentes. Num primeiro nível de forma direta, fazendo prevalecer o valor utilitário desses objetos. Num segundo nível, quando alguns objetos são feitos para agirem produzindo ou modificando outros objetos - como é o

caso dos instrumentos e das ferramentas. Um terceiro nível é possível quando vínculos com objetos são estabelecidos por caminhos indiretos, por mediações simbólicas, seja pela linguagem ou por imagens. E, por último, num quarto nível, o caso da acumulação, ou seja, o ato de colecionar objetos com a finalidade de sua simples posse ou exibição. (MURGUIA, 2009, p.89)

Oliveira, Siegmann e Coelho (2005, p. 113), alegam que a coleção é uma “[...] intenção de montar e completar um universo”; para os autores as coleções são uma forma de constituição do sujeito, já que “[...] a coleção pode ser vista como modo de afirmação e demarcação de reterritorialidades”. Para Philipp Blom “[...] todo objeto de uma coleção precisa ter significado para ser admitido no rebanho” (BLOM, 2003, p. 192), ou seja, as coleções são dotadas de significados, porém por mais variadas que possam ser, cada uma será constituída de diferentes simbolismos.

Segundo Fonseca (2005, p. 184) as coleções possuem essência caracterizada pelos “[...] afetos nela investidas e que são passíveis de serem rastreados na história singular do sujeito”; o autor acredita que dentro da coleção exista um relacionamento entre “[...] colecionador e colecionado” constatando que “[...] uma coleção, vem a ser mais do que a soma dos componentes”. Pode-se observar que a coleção está relacionada com o colecionador, a coleção depende do colecionador para existir e vice-versa.

As coleções são diferentes umas das outras, cada coleção possuirá uma característica própria que as distinguirá. Elas são, portanto, “[...] formadas por objectos homogêneos sob um certo aspecto: eles participam no intercâmbio que une o mundo visível e o invisível” (POMIAN, 1984, p. 66). Ainda dentro da constituição das coleções, Pedrão (2010) caracteriza as coleções por uma composição de objetos dotados de valores, sejam eles “[...] objetos que têm um valor representativo, estético, fora de seu propósito original e que representam uma ideia ou sentimento”, humanizando a definição de coleções quando pensamos a coleção como um agrupamento de objetos que mesmo distintos possuem um valor não comercial para quem desenvolve a coleção.

Cada coleção terá um número de objetos em sua composição. Não existe na literatura um número mínimo ou máximo que caracterize um determinado agrupamento de objetos como coleção. Nessa direção, Pomian faz a seguinte pergunta:

[...] quantos objetos são necessários para que exista uma coleção? É evidente que, em abstrato, uma tal questão não tem resposta [...] porque, em geral, o número de objetos que formam a coleção depende do local em que se acumulam, do estado da sociedade, das suas técnicas e do modo de vida, de sua capacidade de produzir e acumular o excedente, da importância que se

atribuía à comunicação entre o visível e o invisível por intermédio dos objetos. (POMIAN, 1984, p.67)

As coleções evocam memória e retomam ao passado vivido. A guarda dos objetos remete a fatos e acontecimentos relevantes para a sociedade, por exemplo, a guarda de despojos de guerra, ou mesmo a guarda de fotografias de família, e objetos que retomem sentimentos vividos anteriormente. Santos (2010, p. 16) define que a memória é “[...] como um processo de retenção de informação, mas, estando ela baseada nos estudos produzidos nos últimos trinta anos, pode-se compreender (a memória) como um processo ativo e articulado entre os saberes do presente/passado”.

Alguns autores associam memória e coleção no âmbito da memória coletiva. Para Halbwachs, a memória coletiva é formada através das interações do indivíduo com grupos e a sociedade.

A memória coletiva, por outro, envolve as memórias individuais, mas não se confunde com elas. Ela evolui segundo suas leis e se algumas lembranças individuais penetram algumas vezes nela, mudam de figura assim que sejam recolocadas num conjunto que não é mais uma consciência pessoal. (HALBWACHS, 1990, p. 36).

Schmidt e Mahfoud (1993, p. 292), fazendo uma leitura da obra de Halbwachs, argumentam que a memória permite a reconstrução do passado “[...] na memória coletiva o passado é permanentemente reconstruído e vivido enquanto é resignificado. Neste sentido, a memória coletiva pode ser entendida como uma forma de história vivente”, por meio das coleções é possível que remontemos o passado. Os objetos nos levam através da memória, portanto, podem ser vistos como:

[...] algo que remete ao passado, isto é, resquícios do passado; pode ser visto também, como insumo para o conhecimento e suporte para a construção da identidade; e, no contexto atual, como extensão da memória, gerado pelo medo do esquecimento e subsidiado pelas tecnologias de informação. (SANTOS; BIZELLO, 2013, p. 2).

Adotando as coleções como lugares que retomam o passado e conseqüentemente a memória, os autores complementam seu argumento vendo as coleções além da memória “[...] coleções seriam fruto do medo do esquecimento, compreendidas como extensão da memória ou até mesmo um despertador para determinadas lembranças. No entanto, para que as mesmas se adéquem ao conceito se faz necessário que estejam contextualizadas a lembrança” (SANTOS; BIZELLO, 2013, p. 5). A memória, com efeito, é um complexo conceitual

construída pelo coletivo. Essa construção ocorre a partir de objetos e das narrativas de acordo com que cada colecionador quer da sua coleção e das significações que ele atribui a ela.

Como expressões ao mesmo tempo diferentes e únicas, as coleções têm papel fundamental na sociedade não só pela sua contribuição para a memória. Pomian (1984) define alguns tipos de coleções, porém se faz necessário entender a trajetória das coleções.

[...] é-se obrigado a admitir que as coleções também estão presentes nas sociedades ditas primitivas, e a tomar em consideração os *churinga* dos Australianos, os *vaygu'a* (que Malinowsky [1922] compara justamente às joias da coroa na Europa), os exemplares dos utensílios conservados nas aldeias bambaras [...]. (POMIAN, 1984, p. 67)

Entre os séculos III a. C. e IV d. C, relatos sobre a Biblioteca de Alexandria mostram que as coleções da biblioteca “[...] representaram o símbolo da liberdade de expressão e de compromisso com a memória social daquele período” (WEITZEL, 2002, p. 61). Lima (2007, p. 25) define a coleção da Biblioteca de Alexandria como “[...] uma das maiores e mais importantes coleções de livros da antiguidade”.

A partir da Idade Média, grande parte das coleções dependiam “[...] do monopólio da reprodução do conhecimento pelos monges, a seleção dos títulos a serem copiados era fruto de uma lógica cristã sobre as escolhas do que deveria ser ou não colecionado” (WEITZEL, 2002, p. 61), Pomian completa esta definição dizendo que “[...] na Idade Média as coleções acumulavam-se nas igrejas e nos tesouros dos príncipes; compunham-se de relíquias, de objetos sagrados, de *mirabilia*, de dádivas, como também de obras de arte.” (POMIAN, 1984, p. 78). Lima (2007, p. 25) separa em dois grupos as pessoas que possuíam o controle das coleções e do acesso a elas, “[...] o clero e os detentores do poder, que se utilizavam da posse dos objetos para afirmar sua posição dominante”

No século XIV, Pomian (1984, p. 78-79) aponta o aparecimento de novos grupos sociais como os humanistas, os antiquários, os artistas e os cientistas. Com o surgimento desses grupos vieram os novos tipos de objetos para as coleções, “[...] novos semióforos³ entram em circulação e acumulam-se em coleções; manuscritos e outros vestígios da Antigüidade, curiosidades exóticas e naturais, obras de arte, instrumentos científicos”. Nesta época, as coleções eram de posse da alta hierarquia e sua posse era “[...] símbolo de pertença social, se não de superioridade” (POMIAN, 1984, p. 80).

³ Semióforos são definidos pelo autor como objetos que não possuem utilidade, mas são dotados de significados.

Surge nos séculos XVI e XVII “[...] um mercado de obras de arte, antiguidades, curiosidades diversas” (POMIAN, 1984, p. 80). O século XVI marca o início da atividade colecionadora na Europa. Pode-se “[...] tomar como uma explicação para isso, o fato de que a expansão do conhecimento neste século exigia novas respostas. A ciência separou-se da religião e novas respostas foram necessárias para as perguntas nunca antes colocadas” (LIMA, 2007, p. 26). Outra característica das coleções nesses séculos é “[...] a venda de peças de coleção em hasta pública⁴” (POMIAN, 1984, p. 80), tirando parte do monopólio da alta hierarquia como acontecia na Idade Média.

As hastas públicas propiciaram os catálogos impressos de venda. Pomian (1984, p. 80) afirma que a hasta é uma afirmação do interesse em coleções “[...] ela testemunha a existência de um público suficientemente numeroso que se interessa por peças de coleção e que só as pode obter comprando-as em hasta pública, primeiro local e depois internacional”. Surge a profissão de leiloeiro devido ao crescimento do número de colecionadores. É também no início do século XVII que surgem as primeiras bibliotecas públicas e museus, “[...] ainda que alguns deles também fossem movidos por preocupações religiosas”. (POMIAN, 1984, p. 82)

Contudo, o crescente interesse em coleções despertado nos séculos XVI e XVII cria um novo tipo de monopólio das coleções; o dinheiro e poder aquisitivo tem papel fundamental na aquisição de coleções. As coleções particulares podiam ser visitadas somente por quem o proprietário permitisse, “[...] são os membros de um mesmo meio social que visitam uns aos outros; são também os artistas e os sábios, aos quais se permite estudar os objetos que são necessários ao seu trabalho, mas não o possuem” (POMIAN, 1984, p. 80). Pode-se perceber que mesmo que as coleções não estejam mais somente em posse dos monarcas, grande parte da população continuou sem ter acesso a elas.

Com o aparecimento das bibliotecas públicas em 1602 e dos museus em 1675, tem início o fim do acesso restrito às coleções. Pomian (1984, p. 82-83) destaca que o museu tem uma característica que o difere das coleções particulares: “O primeiro traço característico dos museus é a sua permanência. Contrariamente à coleção particular que, na maior parte dos casos, se dispersa depois da morte daquele que a tinha formado e sofre as repercussões das flutuações da sua fortuna [...]” e aponta ainda que “[...] o carácter público dos museus exprime-se também pelo facto de, contrariamente às coleções particulares, serem abertos a todos”. No que toca a criação de bibliotecas públicas, Pomian (1984, p. 54) argumenta que a

⁴ Venda de objetos em local público a quem oferecer lance mais alto.

criação destas é oriunda da “[...] pressão exercida pelos grupos cujos membros não podiam dispor de colecções, nem sequer visitar aquelas na posse dos privilegiados”. O autor afirma ainda que é necessário que os objetos sejam de acesso a todos.

O século XIX é marcado pela Revolução Industrial. A produção em massa permite a criação de colecções “[...] o começo da possibilidade de colecionar na era da reprodução técnica, com tudo que isso implica. Só com a produção em massa surgiu a ideia do conjunto completo, da série inteira [...]” (BLOM, 2003, p. 185). Neste período, a sociedade está menos apegada aos valores pregados pelas religiões. O número de museus aumenta durante o período do século XIX e XX, “[...] o novo culto que se sobrepõe assim ao antigo, incapaz de integrar a sociedade no seu conjunto, é de facto aquele de que a nação se faz ao mesmo tempo sujeito e objeto” (POMIAN, 1984, p. 84)

Após esse panorama das colecções através dos anos, pode-se adentrar os tipos de colecções, começando pelos tipos definidos por Pomian (1984, p. 55), tem-se o mobiliário funerário,

[...] o costume de inumar os defuntos com objectos que lhes pertenciam, sem ser universal, parece todavia extremamente difuso. [...] o conteúdo das tumbas era já claramente diferenciado em função do sexo e da condição social das pessoas que aí estavam sepultadas.

Outro tipo de colecção são as oferendas, que corresponde aos objetos oferecidos a Deus e a entidades, “[...] os objectos têm aí apenas uma função: ser expostos ao olhar, quer nos edifícios sagrados que decoram, quer nas construções feitas expressamente para dispor as oferendas quando se tornam tão numerosas que estorvam os locais do culto” (POMIAN, 1984, p. 56). O terceiro modo de colecção é definido por Pomian como presentes e despojos. Os presentes são objetos mantidos fora das atividades econômicas doados para pessoas públicas, como um monarca. Os despojos são as sobras da guerra, objetos que marcam uma batalha vencida, itens adquiridos após derrotar o adversário e se consagram símbolo do acontecimento.

As colecções de relíquias e de objetos sagrados são as compostas por objetos que se acreditava ter contato com algum deus ou com algum herói, “[...] todas garantiam a ajuda dos santos e logo a prosperidade: por isto eram tidas como os tesouros mais preciosos”. Acreditava-se no poder destas relíquias, de cura, de prosperidade, de proteção, etc.; por isso, ganharam destaque especial na época

“[...] uma vez entradas numa igreja ou numa abadia, não saíam mais a não ser que fossem roubadas ou, excepcionalmente, oferecidas a algum personagem poderoso; tornavam-se portanto muito numerosas, o que obrigava à elaboração de catálogos”. (POMIAN, 1984, p. 60).

O autor encerra os tipos de coleções com os tesouros principescos, objetos que ficavam nas casas dos detentores de poder. Grande parte dos objetos dessas coleções possuem algum uso, por exemplo,

[...] uso cerimonial no caso de regalia, anéis, cintos; uso religioso quando se trata de cruces, crucifixos, imagens, reliquários, altares, cálices, báculos, mitras, pluviais; enfim, uso simplesmente profano quando se trata de baixelas, facas, coberturas de assentos, etc. (POMIAN, 1984, p. 60-61)

Atualmente podem-se identificar outros tipos de coleções além das citadas por Pomian. Pode-se encontrar nos dias atuais coleções de livros, moedas, selos, jogos, filmes, carros, brinquedos, vinhos, perfumes, entre tantas outras variedades de coleções existentes.

2.2 Colecionismo

Desde os povos primitivos é possível observar o fascínio por alguns objetos. Dependendo da cultura ou da visão que o estudo dá a estes objetos eles tomam um significado diferente. Apesar de antigamente não existir o termo colecionismo, a cultura popular fazia com que as pessoas guardassem objetos da mesma natureza com fins simbólicos, de acumulação, posse ou exibicionismo.

O colecionismo é conhecido pelo acúmulo de objetos que nem sempre necessitam de valor comercial; muitas vezes os objetos colecionados são valorados pelo seu colecionador pelas afeições surgidas entre sujeito e objeto. Menegat (2005, p. 5) declara que

[...] poucas atividades cognitivas humanas têm a transversalidade e duração do colecionismo. Essa forma de selecionar coisas e estabelecer uma significação remonta a pré-história e, mesmo, ao processo de evolução da espécie humana.

De acordo com Belk “[...] o colecionismo é o processo de adquirir e possuir coisas de forma ativa, seletiva e apaixonada. Esses produtos ou coisas, não são utilizados na sua forma usual e são percebidas como partes de um conjunto de objetos não idênticos.” (BELK, 1995 *apud* FARINA, TOLEDO, CORRÊA, [20--?]).

Alguns autores abordam o colecionismo como um fenômeno social. Espírito Santo (2009, p. 29) aponta que “[...] comumente, compreende-se o colecionismo como coletar, reunir e compor acervos ou arranjar peças consideradas memorialistas, fetichistas, históricas e artísticas num determinado espaço”. Clara (2005, p. 168) contrasta esta definição com o conceito de imprescindibilidade como sendo “[...] a necessidade de transformar o curso da nossa própria existência numa série de objetos salvos da dispersão [...]”. Para muitos colecionadores, colecionar e os processos que implicam ter uma coleção vão além de meras atividades ou distrações, “[...] colecionar – e os esforços que essa atividade implica – é considerado uma prova de amor” (CORALIS, 2012, p. 13).

Segundo Oliveira, Siegmann e Coelho (2005, p. 113), na Idade Moderna o colecionador representa, em grande medida, a figura do burguês renascentista, que seria um detentor de poder aquisitivo para o desenvolvimento de sua coleção. Quanto “[...] maior a coleção, maior o poder do colecionador, bem como quanto mais específica a coleção, mais identitário seria o colecionador”. Similarmente ao caso das bibliotecas, pode-se perceber que as coleções pessoais dependem de recursos para a aquisição e a manutenção da coleção.

Paulo Fonseca, um colecionador de obras de arte contemporâneas e vídeos de cinema, considera o ato de colecionar – colecionismo – como uma apreciação de amor. Colecionar possui uma função viva,

[...] o ato de colecionar (e aí estão as coleções de selos, moedas, autógrafos, miniaturas, etc.) é, em última análise, uma tentativa de, em termos inconscientes, re-tomar, re-utilizar, re-viver, re-ver, re-memorar, re-significar e mesmo re-criar épocas, objetos e os afetos a eles ligados”. (FONSECA, 2005, p. 183)

As razões que levam o colecionador a colecionar são diversas, “[...] a relação entre coleção e colecionador começa na seleção, as razões que levam a colecionar são obscuras, entretanto vitais” (MURGUIA, 2009, p.93). Para alguns, a coleção começa quase que naturalmente. Muitas vezes é iniciada sem uma organização prévia, representando ou correspondendo a um prazer de pertencimento ou de posse. A coleção se desenvolve e o colecionador fica mais criterioso com a seleção e armazenamento de seus itens, os

[...] objetos são escolhidos, selecionados e classificados como resposta às afeições surgidas no encontro do sujeito com as qualidades intrínsecas de cada objeto, os seus elementos singulares e a história que os compõe. (OLIVEIRA, SIEGMANN, COELHO, 2005, p. 115)

Janeira (2005, p.175) alega que o “por que coleccionar?” envolve motivos e circunstâncias por vezes emocionais, “[...] e porque não pensar que a razão possa estar, não no objeto propriamente dito, mas na carga emocional que ele possa transmitir [...]”. Para a autora cada objeto é inserido na coleção quando ele se torna parte especial de determinado momento e pela transmissão de significados do contexto a que estava submetido.

Percebe-se que a coleção é primeiramente um processo do intelecto que exige do colecionador conhecimentos sobre os objetos que colecciona além de exigir um processo de organização de etapas – como a seleção, a separação dos objetos por área de afinidades, a busca em catálogos, lojas de antiguidades, lojas específicas, mercados populares, etc. – para que a coleção se realize. Para Menegat (2005, p. 5), “[...] coletar e selecionar está entranhado no processo cognitivo humano não apenas em termos de reconhecimento das diferentes coisas que existem no mundo, como objetos e bens materiais”.

Rubens Borba de Moraes afirma que coleccionar é uma compensação para algum transtorno, uma fuga da realidade com poderes terapêuticos que só pode ser explicada com ajuda de profissionais,

É aos psicanalistas que se deve perguntar por que se colecciona. Só eles sabem descobrir quais os motivos inconfessáveis e escabrosos que levam um burguês pacato e morigerado a praticar atos perfeitamente simples e morais. (MORAES, 2005, p. 19)

Conforme cresce a coleção, o colecionador é mudado por ela de alguma forma. Cada coleção fala sobre a história do seu colecionador, “[...] como em qualquer outra coleção, esta é também um diário” (CLARA, 2005, p. 168); é uma necessidade de perpetuar a existência através de objetos carregados de significados. De acordo com Perrone e Engelman (2005, p. 86) “[...] o colecionador, ao despojar cada objeto individual de toda a propriedade ou condição de mera possessão, remete o objeto a uma constelação histórica criada por ele próprio, revelando conexões entre coisas que guardam correspondências”.

No colecionismo as coleções são vistas como um todo e não como partes separadas. O colecionador desenvolve uma relação pessoal com a coleção. Esta relação é uma via de mão dupla onde o colecionador molda a coleção e a coleção molda o colecionador. Nesta etapa, os objetos inseridos na coleção atingem o terceiro nível estipulado por Murguia (2009), “[...] um terceiro nível é possível quando vínculos com objetos são estabelecidos por caminhos indiretos, por mediações simbólicas, seja pela linguagem ou por imagens” (MURGUIA, 2009, p. 89).

Através da relação entre colecionador e coleção, pode-se observar que a literatura aborda o colecionismo como uma forma de amor, um sentimento. Os colecionadores são praticamente incapazes de atribuir valor comercial para sua coleção, “[...] poderíamos perguntar qual o valor, por exemplo, de uma coleção de caixa de fósforos? Somente poderemos sabe-lo, pelo valor a ela atribuído pelo colecionador, e entender, em sua trajetória, os múltiplos sentidos que se encontram ali condensados” (FONSECA, 2005, p. 183). Com isso, o autor nos diz que somente o colecionador é capaz de mensurar sua coleção, não somente em valor comercial, mas em complexidade e afetos nela investidos.

Levando em consideração ainda a definição de que o primeiro valor assumido pelo colecionismo não é o valor comercial, alguns autores apontam que “[...] a coleção transcende de maneira completa o utilitarismo dos objetos, ela é uma experiência autotélica por excelência. Da mesma forma, por meio da coleção, o indivíduo não somente expressa, como constrói o seu *self*”⁵. (CAVEDON et al., 2007, p. 352).

Na contemporaneidade, o colecionismo é, por vezes, concebido como um *hobby*, um passatempo. Muitas coleções são formadas a partir de impulsos ou modas. Nos anos 80 e 90 do século passado, por exemplo, era comum encontrar pessoas com coleções de selos, papéis de carta e cartões telefônicos. Muitos donos desse tipo de coleção só as possuíam para prestígio e inserção social. Coralis (2012, p. 2) faz uma reflexão sobre a variável constituição das coleções, “[...] com o passar do tempo, os padrões e objetivos das coleções foram alterados. A proliferação de bens materiais, característica da sociedade industrial do século XVIII, possibilitou a diversificação das coleções e a ampliação das classes de colecionadores”.

O grande número de objetos em uma coleção é uma das características do desejo de ter e manter que dá subsídio para o colecionismo. A ideia de posse traz ao seu detentor a sensação de poder, assim sendo, o colecionismo se instaurou como a necessidade de possuir, além da relação entre objeto e colecionador que ultrapassa qualquer significação inicial depositada no objeto.

Conforme explicitado por Coralis (2012, p. 2), as coleções formam uma ampla gama de variedades – algumas já citadas anteriormente. Se antigamente as coleções eram compostas por obras de arte, objetos religiosos, antiguidades, dentre outros, hoje pode-se observar coleções diferentes e com formatos impensados na época, por exemplo, os álbuns de figurinhas da copa do mundo (*World Cup*) que a cada quatro anos catalisam o espírito de

⁵ Self pode ser entendido como o indivíduo, como se revela e se conhece a partir de sua própria consciência.

coleção de milhares de pessoas em todo o mundo. É uma espécie de coleção temporária que, para muitos, só serve para exibição, pois a relação do colecionador com ela não passa de um período.

Rubens Borba de Moraes (2005, p. 19) em seu livro *O Bibliófilo Aprendiz* cita alguns tipos de coleções, pois “[...] há gente que coleciona selos, discos de fonógrafo, botões de fardas, soldadinhos de chumbo, figurinhas de toda sorte, e até caixas de fósforos. Tutancâmon colecionava bengalas e as queria tanto que foi enterrado com elas.” O autor aponta ainda que nenhuma coleção é irrelevante quando desenvolvida com gosto. Para ele, quando o colecionador tem amor e conhecimento pelo que faz a coleção é digna de crédito.

Ao contrário de algumas coleções, aquelas se perpetuaram e se constituíram não como o produto de um *hobby* temporário, mas como coleções que se estendem como continuação e materialização do sentimento através dos objetos, cada qual um com sua significação própria, formando um aglomerado de significados.

Dentre as várias formas e tipos de coleções, a bibliofilia pode ser vista como “[...] atividade que consiste na coleção e consumo de livros como parte da formação do indivíduo, não por mera necessidade de uma obra ou curiosidade sobre um *Best seller*” (PEDRÃO, 2010, n. p.). Fazendo uma análise da palavra é possível chegar a conclusão rústica de “Amor aos livros”, sendo que Bibliofilia, do grego: biblio = livro e philia = amor.

Se a bibliofilia significa amor aos livros, como definir o bibliófilo? Para Cavedon et al. (2007, p. 347), o “[...] bibliófilo não é um colecionador qualquer, ele tem uma lógica que norteia a sua coleção.” Ribeiro (2011, p. 15) acrescenta que o bibliófilo é aquele que tem amor aos livros. Observou-se que os colecionadores são pessoas que possuem e cuidam de seus objetos com amor, o bibliófilo seria, então, um legítimo colecionador que tem no seu objeto um sentir particular. Alguns colecionadores não colecionam materiais. Os mais fervorosos colecionam as memórias proporcionadas pelo sentimento com relação ao objeto “[...] o que se conserva não é o material e sim o perfectó ou o afecto.” (OLIVEIRA; SIEGMANN; COELHO, 2005, p. 117).

O amor pelos livros, segundo Moraes (2005, p. 21), se expressa, dentre outros aspectos, com o “[...] prazer de colecionar, a emoção de encontrar um livro procurado há anos, a volúpia de completar as obras de um autor, é, para o milionário que paga uma fortuna por um livro, a mesma do pobretão que encontra num sebo o volume sonhado”. Para ser um bibliófilo, continua o autor, é necessário estudar o assunto, alegando ainda que o planejamento é fundamental para que se desenvolva uma coleção.

Sabe-se que a arte de colecionar se iniciou há muitos anos, as coleções de livros para Bragança et al. (2005, p. 10) surgiram com o nascimento do livro,

A arte de colecionar livros certamente nasceu com o livro, na antiga Suméria. Na Roma Imperial, com suas inúmeras oficinas de copistas, particulares e de livreiros, Sêneca investe contra aqueles que juntam rolos de papiro e pergaminho, que em todas a sua vida não conseguirão ler.

Convergindo com o argumento de Bragança, Garschagen (2005) explica que as coleções de livros existiam desde antes de o livro se encontrar no suporte atual, usando do exemplo de Aristóteles, filósofo grego, que já no século IV a.C., colecionava livros em formato de rolo, inclusive a maior coleção nesse suporte pertencia ao próprio Aristóteles.

Os bibliófilos são conhecedores, estudiosos e cultos, “[...] a relação entre objecto e colecionador deverá ter em conta a finalidade de transmissão de conhecimento: a defesa e promoção da qualidade de vida numa óptica de sustentabilidade”, ou seja, “[...] a bibliofilia não se trata apenas de colecionar livros e, ser um colecionador de livros não faz de alguém um bibliófilo” (SÁ, 2014, p. 23).

A bibliofilia é uma forma de relação entre pessoa e objeto. Este objeto deixa de ser, para o colecionador, somente um objeto,

[...] é que o substantivo *amante* explica muito mais o bibliófilo do que o adjectivo *amigo*. Conheço muitos *bibliomantacos*, com verdadeiras e colossais bibliotecas, mesmo com alguma raridade, para quem o livro constitui apenas um divertimento ou um investimento. Compram livros como quem compra laranjas, pelo aspecto e pelo peso (o que, no caso do livro, se pode representar pela encadernação e data da edição). (DIAS, 1994)

Cabe ressaltar que a bibliofilia não é um mero agrupamento de livros,

[...] mais que uma simples coleção, o bibliófilo possui um acervo que deve evidenciar um acúmulo de tempo, de energia, de dinheiro e de conhecimento intelectual, que assume as suas características e reforça a sua identidade social distinta. (CAVEDON et al., 2007, p. 347).

Os critérios de seleção na perspectiva do colecionismo são puramente pessoais, já que muitas dessas coleções começam sem um motivo e por vezes não há um controle de seu crescimento, muito menos uma política que garanta a integridade e a organização da coleção.

Basicamente os colecionadores podem ser definidos como pessoas que escolhem uma temática e tratam de encontrar tudo a ela relacionados, contudo, as coleções exigem que o colecionador realize atividades inteligíveis de escolha e agrupamento de itens. Cada

coleccionador organiza sua coleção à sua maneira, seja alfabeticamente, por cor, tamanho, data ou valor sentimental.

A incorporação de novos itens não se baseia em parâmetros como os usados pelas bibliotecas e o descarte de objetos é quase inexistente. Para muitos colecionadores descartar um objeto de sua coleção é como jogar uma parte de si fora. Tais dilemas são comuns em procedimentos técnicos presentes em bibliotecas que incorporam acervos particulares tendo em vista critérios de planejamentos próprios denominados desenvolvimento de coleções.

2.3 Desenvolvimento de coleções

Nas bibliotecas, o ato de colecionar e preservar a memória gerou a imprescindibilidade de criar estratégias para a conduta dos materiais inseridos em determinada coleção. Para Miranda (2007),

[...] antigamente ocorria uma enorme preocupação, por parte dos responsáveis pelas bibliotecas, arquivos e outras unidades de informações, em aglomerar materiais bibliográficos, uma vez que acervos com grande quantidade de volumes representavam garantia de status e poder, e o foco estava centrado na oferta de documentos e não na qualidade. (MIRANDA, 2007, p. 5).

A preocupação com o desenvolvimento de acervo tem sido observada historicamente. Conforme observado por Nunes e Santos (2007), mesmo sem haver uma sistematização teórica e metodológica consolidada, a formação e o desenvolvimento de coleções

[...] durante séculos as bibliotecas têm sido os repositórios da informação e do conhecimento das universidades e seu surgimento deu-se em decorrência da necessidade de especialização dos acervos, visando a atender ao público de forma específica e direcionada a cada área do conhecimento. (NUNES; SANTOS, 2007, p. 44).

Entretanto, a preocupação acadêmica relacionada ao ensino e a formação de bibliotecários numa disciplina voltada especificamente para o desenvolvimento de coleções ocorre somente nos Estados Unidos em meados de 1960. A partir de então o desenvolvimento de coleções passou a exigir profissionais capacitados para a execução dos processos. Portanto, essa preocupação com a formalização do desenvolvimento de acervos é relativamente recente:

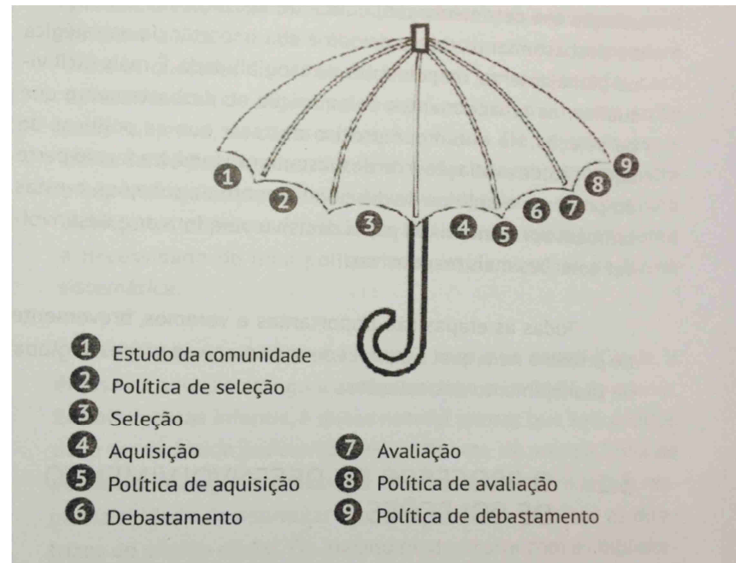
[...] desde alguns anos, mais precisamente a partir de finais da década de 60 e início da de 70, desencadeou-se na Biblioteconomia internacional um movimento ao qual se resolveu denominar de *Movimento para o Desenvolvimento de Coleções*. De repente, no mundo inteiro (o Brasil demorou um pouco para aderir) boa parte dos bibliotecários começaram a preocupar-se com suas coleções, buscando desenvolvê-las, selecioná-las, expurgá-las, enfim, transformá-las em alguma coisa mais coerente. (VERGUEIRO, 1989, p. 11).

Portanto, as coleções ganham destaque na biblioteconomia a partir da década de 70 com as bibliotecas estadunidenses e a necessidade do planejamento de acervos para garantir a integridade do acervo da instituição. Cabe às bibliotecas possuir acervos que atendam às necessidades e objetivos das instituições a que estão vinculadas. Após a “explosão informacional” observada na segunda metade do século XX, resultante, dentre outros aspectos, de aperfeiçoamentos tecnológicos (SARACEVIC, 1996), o fluxo de documentos nas bibliotecas cresceu consideravelmente e isso exigiu um melhor planejamento para garantir a integridade do acervo. O novo cenário necessitou da criação de ferramentas que trouxessem para a coleção o material relevante, evitando conteúdos de baixo interesse.

Segundo Nunes e Santos (2007, p. 47), o processo de desenvolvimento de coleções está relacionado ao processo de “[...] construir coleções de bibliotecas para servir de estudo, ensino, pesquisa e outras necessidades pertinentes aos usuários de uma biblioteca, tornando-se o mediador entre os materiais de informação e a comunidade universitária”.

Considerado um instrumento importante por Weitzel (2013, p. 20), a política de desenvolvimento de coleções norteia o processo de formação e desenvolvimento de coleções “[...] garantindo consistência dos procedimentos e seu aprimoramento ao longo do tempo”. Para ilustrar o desenvolvimento de coleções, a autora traz a analogia do guarda-chuva em que “[...] cada etapa é formada por seu respectivo processo e política, e juntas, formam o conceito de ‘Desenvolvimento de Coleções’”.

Figura 1 – Definição de desenvolvimento de coleções



Fonte: Weitzel (2013, p. 21)

A elaboração e a aplicação de uma política de desenvolvimento de coleções convergem com a preocupação institucional de manter a qualidade do acervo e dos serviços. Esta política constitui um instrumento amplo que cobre processos cíclicos e contínuos de estudos de comunidade, de seleção, de aquisição, de avaliação e de debastamento, fornecendo as diretrizes para boas práticas. Segundo Vergueiro (1989, p. 24), são evidentes as razões para a elaboração de políticas para o desenvolvimento de coleções, “[...] a começar por razões econômicas, ou seja, a necessidade de se dispor de um guia racional para alocação de recursos [...]”.

Para cada processo da política de desenvolvimento de coleções deve haver critérios de planejamento, assim como orientações específicas e formalizadas. “A determinação dos critérios assegura que o acervo seja produto de um planejamento voltado para as diretrizes e objetivos da Universidade” (MIRANDA, 2007, p. 12). E ainda de acordo com o autor,

[...] a determinação de normas para seleção e aquisição de materiais informacionais disciplina esse processo, tanto em quantidade como em qualidade, segundo a realidade de cada biblioteca, direcionando o uso racional dos recursos financeiros. (MIRANDA, 2007, p. 6).

O desenvolvimento de coleções é uma ferramenta que estabelece critérios para lidar com a necessidade informacional, os objetivos e a missão da instituição. Miranda (2007) argumenta que a “explosão informacional” trouxe consequências tais quais, “[...] a impossibilidade de manter uma coleção completa e autossuficiente; a impossibilidade de

atender todas as demandas e necessidades informacionais da clientela com recursos próprios, em razão dos orçamentos escassos”. Portanto, a necessidade de haver um controle de materiais é evidente. O planejamento e o estabelecimento de critérios tornam a coleção otimizada e mais perto de cumprir com o seu papel.

Entretanto, algumas coleções, como coleções pessoais, não possuem esse filtro, pois as decisões de quais objetos farão parte do acervo cabem somente ao seu detentor. Analisando essa perspectiva pode-se perceber que apesar de uma coleção pessoal não contribuir para o cumprimento da missão e do objetivo de determinada instituição, ainda assim colecionar exige características do desenvolvimento de coleções. Os processos de aquisição e seleção de itens para a coleção pessoal muito se equipara ao processo existente em bibliotecas, mesmo que, no primeiro caso, seja para realização individual e, no segundo, para cumprir a missão da biblioteca.

Algumas definições de coleções referem-se a agrupamentos de objetos do mesmo gênero reunidos de acordo características comuns. As bibliotecas são, por sua vez, “[...] uma coleção de livros classificados numa certa ordem, ou coleção de livros tratando de matérias especiais e com um objetivo determinado” (PEREIRA, 2005, p. 173). Concepções mais atuais retratam a biblioteca como um organismo vivo e com o objetivo de organizar e facilitar o acesso informacional.

No caso das bibliotecas, o desenvolvimento de coleções tornou-se presente com a preocupação sobre a explosão informacional, e esta desencadeou a preocupação com as dimensões das coleções, bem como com a qualidade dos materiais nela disponíveis. Portanto, faz-se imprescindível estabelecer critérios de estudo de comunidade, de seleção, de aquisição, de avaliação e de descarte de materiais fazendo com que a coleção esteja sempre de acordo com os padrões exigidos pelos objetivos e pela missão da instituição.

Conforme observado no modelo de Weitzel (2013), a política de desenvolvimento de coleções deve, imprescindivelmente, abranger os processos de estudo de comunidade, seleção, aquisição, avaliação, desbastamento e descarte, bem como as políticas de seleção, aquisição e desbaste, tornando o desenvolvimento de coleções parte vital da instituição.

Dentre as características de cada processo, o estudo da comunidade é um instrumento que permite analisar a comunidade usuária de determinada instituição. Vergueiro (1989) destaca que esta ferramenta permite a análise das necessidades da comunidade a partir da observação dos usuários efetivos e potenciais, devendo o bibliotecário estar atento às características históricas, demográficas, geográficas, educativas, socioeconômicas, os meios de transporte, culturais e políticos da comunidade em questão.

A seleção é o processo responsável pela tomada de decisões. Weitzel (2013) aponta que “[...] na prática, o processo de seleção é o ‘fazer’, e a política, as diretrizes de ‘como fazer’, garantindo a coerência de cada ação desse ‘fazer’ ” (WEITZEL, 2013, p. 37, grifo do autor), portanto, é possível ver a seleção como uma espécie de filtro que controla a inserção e retirada de itens da coleção, onde cada item deve conter uma explicação para estar e permanecer na coleção.

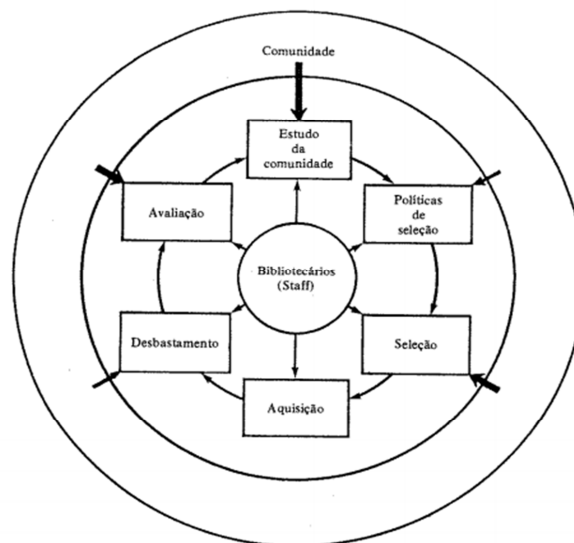
A aquisição pode ser entendida como um processo administrativo de incorporação de itens ao acervo. Este processo requer cuidado e atenção, pois é de grande importância para a instituição visto que é um processo de obtenção de itens. De acordo com Lima e Figueiredo (1984, p. 84), a aquisição é o processo de incorporar itens através de compra, permuta ou doação,⁶ sendo uma resposta ao processo de seleção implementando as decisões tomadas neste. Conforme explica Weitzel (2013, p. 51-56), a política de aquisição deve conter os responsáveis pela atividade, definição das prioridades de compra, de onde serão retirados recursos, os procedimentos e rotinas de compra, doação e permuta, estabelecimento dos instrumentos auxiliares, escolha dos fornecedores, identificação de patrimônio, obrigações contratuais e programas e *softwares* para controle do processo de aquisição.

A avaliação de coleções leva em conta o êxito com que a coleção cumpre seu papel. Weitzel (2013, p. 56) aponta que a avaliação está presente no desenvolvimento de coleções, pois, o acervo deve ser desenvolvido levando em conta os objetivos da instituição e os interesses da comunidade que dele desfruta. A autora apresenta ainda a avaliação como processo e como política. No primeiro caso, a avaliação “[...] envolve planejamento, diagnóstico das coleções, aplicação de padrões e critérios, e controle de dados de uso, valor e qualidade, de um modo geral” (WEITZEL, 2013, p. 58), ou seja, quais as peculiaridades de cada biblioteca devem ser levadas em consideração para saber se a coleção está cumprindo sua função. A avaliação enquanto política é mencionada por Weitzel apoiada em três parâmetros: quem são os responsáveis pelo processo, definição de padrões, critérios, metodologias e métodos a serem utilizados. Esses aspectos permitem a realização de ajustes na política de desenvolvimento de coleções a partir da análise dos pontos fortes e fracos do acervo.

⁶ A doação, segundo Leite e Paiva (2006, p. 3), “[...] é a forma de intercâmbio por meio da qual uma biblioteca recebe, gratuitamente, material bibliográfico sem exigência de reciprocidade e normalmente sem aceitação de condições pelo doador”. Andrade e Vergueiro (2006, p. 78) apontam que o processo de doação ocupa um papel de destaque no processo de aquisição, visto que as verbas para compras podem ser inconstantes ou insuficientes.

O desenvolvimento de coleções enquanto processo é apresentado como um processo cíclico, ou seja, as atividades são vistas em conjunto e não de modo isolado. Para exemplificar o dinamismo do desenvolvimento de coleções, Vergueiro (1989, p. 17) apresenta o modelo de Evans (Figura 2) que demonstra o caráter ininterrupto do processo de desenvolvimento de coleções, onde todas as atividades são interligadas.

Figura 2 – Modelo sistêmico de desenvolvimento de coleções de Evans



Fonte: Vergueiro, 1989.

Construindo o desenvolvimento de coleções é importante apontar a diferença entre desbastamento e descarte. Ambos os processos possuem grande importância no desenvolvimento de coleções. O desbaste funciona como um remanejamento temporário de uma parte da coleção. Maciel e Mendonça (2000, p.25 *apud* Weitzel, 2013, p. 65), caracterizam o desbaste como “[...] retirada de documentos pouco utilizados pelos usuários, de uma coleção de uso frequente para outros locais – os depósitos especialmente criados para abrigar este material de consultas eventuais”. A retirada definitiva do item da biblioteca fica a cargo do descarte. Este processo requer cuidado para que não ocorra descarte de material que ainda possua algum valor para o acervo. Segundo Weitzel (2013, p. 66), o descarte ocorre quando a obra não atende o perfil da instituição ou da comunidade. No descarte, destacam-se duas atividades: a) retirada definitiva do acervo; b) baixa no catálogo da biblioteca e no registro patrimonial.

O processo de desenvolvimento de coleções pode sofrer várias influências. Figueiredo (1990, p. 31) destaca, dentre os fatores, a natureza do currículo, o corpo docente, a verba disponível, o tamanho atual da coleção, os objetivos educacionais, as proximidades com outras bibliotecas, além dos pontos fortes e fracos da coleção existente. A autora complementa trazendo a concepção da finalidade da coleção de uma biblioteca universitária:

A coleção da biblioteca universitária deve apoiar o currículo com materiais para áreas de assuntos cobertas pela universidade, prover uma coleção básica dirigida ao desenvolvimento de pessoas de alto nível e ainda manter uma outra coleção especializada para apoiar a pesquisa do corpo docente: os dois primeiros enfatiza o uso pelo estudante e o terceiro o uso pelo corpo docente; o equilíbrio adequado entre estas duas necessidades é o maior problema para o desenvolvimento de coleção em bibliotecas universitárias. (FIGUEIREDO, p. 33, 1990).

Figueiredo (1990, p. 32) define os seguintes princípios para o desenvolvimento de coleções: atender as necessidades da comunidade antes de atingir um padrão abstrato de qualidade, responder as necessidades da comunidade real e potencial, ser realizado com conhecimento dos programas cooperativos existente, levar em conta todos os formatos de materiais, o processo de seleção não deve ser subjetivo, ou seja, deve proceder com a menor interferência da opinião de quem está fazendo a seleção. A autora também considera que este processo exige prática para que o profissional esteja capacitado a realizar seleção de itens, considerando que só a teoria não prepara o profissional.

Para Vergueiro (1993, p. 20), “[...] vê-se proliferar cada vez mais a convicção da necessidade de encarar as coleções e seu desenvolvimento como um fator importante da administração dos serviços de informação”. O desenvolvimento de coleções está em contínuo amadurecendo, visto que no Brasil é uma temática relativamente nova. Pode-se perceber que a Biblioteconomia assumiu as devidas preocupações com relação ao controle de acervos e que essa temática deve ganhar cada vez mais destaque nos estudos da área.

O desenvolvimento de coleções é um processo existente em várias bibliotecas, mas que se apresenta de maneiras distintas. Isso porque “[...] parece bastante evidente que a coleção de uma biblioteca pública não se desenvolverá da mesma forma que a de uma biblioteca universitária, escolar ou especializada. As ênfases em cada uma delas serão diferentes”, pois para cada instituição cabe identificar o que melhor lhe serve, tendo como parâmetro para a construção do desenvolvimento de coleções os conceitos que aqui foram exemplificados.

Por sua relevância para a presente pesquisa, o processo de seleção será visto de maneira mais detalhada a seguir.

2.3.1 Processo de seleção

Estabelecidos os pressupostos para desenvolvimento de coleções, há a necessidade de formalização atribuída ao estabelecimento da política de seleção que visa determinar parâmetros comprometidos com a missão e o objetivo da instituição e com suas áreas de atuação como um todo. Tais critérios formalizados destinam-se a cumprir razões previamente determinadas para a incorporação de novos materiais no acervo. Tais materiais não devem ser adquiridos por motivos pessoais, mas orientados pela demanda da comunidade, ou seja, do público alvo e potencial da biblioteca orientada por seu objetivo institucional.

Vergueiro sugere alguns critérios de seleção, porém, ressalta que “[...] cada profissional deverá procurar desenvolver os critérios mais apropriados para a coleção pela qual é responsável [...]” (VERGUEIRO, 2010, p. 18). São três os critérios centrais apontados pelo autor: 1) quanto ao conteúdo dos documentos, 2) quanto à adequação ao usuário, e 3) quanto aos aspectos adicionais do documento.

No que se refere ao conteúdo dos documentos, Vergueiro (2010, p. 18-21) fez a divisão em: a) autoridade – critério que leva em consideração a estima do autor, editora ou patrocinador; b) precisão – que busca a regularidade da informação contida no documento; c) imparcialidade – responsável por analisar se o documento apresenta pontos justos sem favoritismos; d) atualidade – verifica se as informações do documento ainda são pertinentes e relevantes; e) cobertura/tratamento – lida com a forma com a qual o assunto é tratado, de forma intensa ou superficial e se os aspectos importantes foram tratados.

A adequação do usuário leva em conta o usuário e sua relação com a coleção e materiais disponíveis, a partir das características de: a) conveniência – verifica se o documento está no nível de vocabulário e visual adequados ao usuário; b) idioma – define se a língua do documento é acessível aos usuários; c) relevância/interesse – define se o documento possui alguma utilidade para o usuário; d) estilo – aborda a adequação do documento ao usuário-alvo.

O último agrupamento de critérios trata dos aspectos adicionais do documento, dentre os quais: a) características físicas – leva em conta o estado físico do item, legibilidade, encadernação, etc. b) aspectos especiais – analisa a inclusão de bibliografias, apêndices, notas, índices e afins; c) contribuição potencial – analisa a coleção existente e se o novo item

contribuirá de alguma forma para a coleção; d) custo – identifica possibilidades financeiras positivas, como, edições mais baratas, despesa com armazenamento, manutenção, processamento técnico, etc.

Há de se ressaltar que Vergueiro (2010, p. 26) apresenta a necessidade de estabelecimento de critérios diferenciados para a seleção de materiais especiais como revistas, jornais, filmes, discos, fitas cassetes, diapositivos (*slides*), DVDs, CDs, etc.

No caso dos periódicos, o autor aponta que “[...] a seleção de uma publicação periódica difere basicamente da de um livro ou monografia no sentido de que na primeira estabelece-se um compromisso com sua continuidade, enquanto que no livro essa decisão se esgota naquele momento. ” (VERGUEIRO, 2010, p. 27). É importante que a biblioteca possua todos os fascículos para que a coleção não seja incompleta, levando-se em consideração custo envolvido, espaço, presença em bases de dados, idioma, adequação ao usuário, a relevância do assunto para a biblioteca e atualidade do periódico.

No caso de filmes, vídeos e DVDs, Vergueiro (2010, p. 37) esclarece que os critérios dependerão do tipo de instituição, em uma biblioteca especializada, no momento da seleção os critérios adotados podem ser referentes a “[...] composição da obra, o trabalho de câmera, a fidelidade de cor e distinção claro/escuro, que muitas vezes não serão de vital importância em outras instituições”. O autor cita ainda os aspectos referentes ao som e aos efeitos sonoros. É importante levar em consideração a adequação do material ao usuário e sistemas na biblioteca que possam executar esse tipo de material, como vídeocassete e aparelho de DVD. Os discos, fitas e CDs podem ser enquadrados nesses mesmos critérios, levando em conta a durabilidade do material.

Os critérios acerca dos diapositivos (*slides*) devem se atentar a adequação do usuário, perfeição das cores, qualidade da imagem e compatibilidade com o equipamento e projeção e os custos envolvidos na incorporação e manutenção desse tipo de material na coleção.

Documentos eletrônicos podem ser escolhidos pelas características de “[...] aspectos do conteúdo, acesso, suporte e custo” (VERGUEIRO, 2010, p. 43), o conteúdo e os assuntos do documento devem fazer jus aos critérios estabelecidos para os documentos físicos, os aspectos relativos a busca e compatibilidade de formato também são importantes na hora de selecionar esse tipo de material.

Outros fatores são apresentados por Vergueiro (2010, p. 15) ao trazer questões complementares sobre os procedimentos e as variáveis do processo de seleção. O primeiro fator “[...] diz respeito à probabilidade de que o material selecionado possa vir a ser alvo potencial de vandalismo, furtos ou mutilações, bem como gerar objeções por parte dos

usuários devido à sua incorporação ao acervo.” (VERGUEIRO, 2010, p. 15). Outros fatores devem ser levados em consideração, tais como itens valiosos que acarretam custos com relação, por exemplo, à segurança, que por vezes pode ultrapassar o preço da obra em si, bem como relativo à inserção de assuntos polêmicos e à qualidade do material selecionado (VERGUEIRO, 2010, p. 16).

Ainda utilizando a obra de Vergueiro como base, os itens para a composição do documento de uma política de seleção podem ser identificados de acordo com:

- Identificação dos responsáveis pela seleção:
 - A reponsabilidade pelo processo de seleção pode ser atribuída aos próprios bibliotecários da instituição ou por uma comissão composta de bibliotecários, especialistas e professores (no caso da biblioteca universitária e escolar), desde que estejam claros e objetivos no documento.
- Os critérios utilizados no processo:
 - Cada instituição deve se adequar aos critérios de acordo com a sua missão e objetivo. Alguns dos critérios são: temática, autoridade do autor e/ou do editor, cobertura e profundidade, idioma, relevância e interesse dos usuários, atualidade, aspectos físicos, suporte, acessibilidade e custos.
- Os instrumentos auxiliares:
 - Dão suporte para a tomada de decisões. Catálogos de livrarias e editoras, bibliografias, pesquisa de mercado, sugestões dos usuários, resenhas, etc.
- As políticas específicas:
 - Abordam as coleções de materiais especiais, são coleções que se diferenciam das diretrizes gerais: repositórios institucionais, periódicos, coleções particulares, histórias em quadrinho (HQs), filmes, vídeos, DVDs, folhetos e CDs, que necessitam de critérios de seleção estabelecidos para terem justificativa de inserção no acervo.
- Os documentos correlatos:
 - Permitem o dimensionamento dos processos de seleção. Esse tipo de documento é constituído por “[...] fluxogramas, organogramas,

matrizes curriculares, portarias, resoluções, entre outras legislações” (WEITZEL, 2013, p. 36), os formulários de sugestão, doação, reclamações, etc., necessitam ser listados no documento de seleção para formalização dos processos.

Os critérios estipulados na política de seleção são os pilares do desenvolvimento de coleções. A tomada de decisão deve estar embasada em argumentos que sigam os princípios institucionais e cabe ao bibliotecário seguir as condutas expressas na política não permitindo interferências pessoais ou fatores externos que não sejam aqueles definidos no documento. Esse documento não serve somente para o bibliotecário envolvido no processo de desenvolvimento do acervo; ele auxilia indiretamente o usuário que poderá filtrar materiais e ter a noção do escopo do acervo, segundo suas necessidades informacionais.

Vergueiro (2010, p.71) defende que “[...] os critérios de seleção devem funcionar, para a biblioteca, como funcionam as leis para um país: enquanto não são modificadas, devem ser obedecidas”, assim como na lei os critérios estipulados devem possuir justificativa e serem plausíveis para que o processo não seja questionável.

3 ASPECTOS CONTEXTUAIS

3.1 Biblioteca Central da Universidade de Brasília

Fundada em 1962, a Biblioteca Central é subordinada à Universidade de Brasília e foi a primeira a trazer o conceito de biblioteca universitária centralizada ao Brasil. É a responsável pelo provimento de informações relativas às atividades de ensino, pesquisa e extensão da Universidade. A BCE trabalha com a missão de promover e garantir à “[...] comunidade universitária o acesso à informação científica e o compartilhamento do conhecimento científico no âmbito do Sistema de Bibliotecas da UnB, contemplando o ensino, a pesquisa e a extensão”. A primeira instalação da biblioteca foi no edifício do Ministério da Educação e Cultura ainda em 1962, com um acervo bibliográfico composto por dicionários, enciclopédias e alguns periódicos, sendo basicamente uma coleção de referência. Em julho do mesmo ano a biblioteca foi transferida para a sala de papiros na atual Faculdade de Educação, oferecendo os serviços de referência, aquisição, catalogação e registro de periódicos. O desenvolvimento do acervo foi auxiliado pela Fundação Ford que enviou dois membros ao Brasil para consultoria.

Durante a ditadura militar, a BCE armazenou todas as obras passíveis de investigação e permaneceu fechada durante o período, mostrando a importância histórica da biblioteca.

Somente em 1968 iniciou-se a construção do prédio definitivo com projeto dos arquitetos José Galbinski, Miguel Alves Pereira, Jodete Rios Sócrates, Walmir Santos Aguiar e os bibliotecários Rubens Borba de Moraes, Edson Nery da Fonseca, Antônio Agenor Briquet de Lemos e Elton Eugenio Volpin.

Conforme a universidade cresce, a biblioteca cresce junto. Com a abertura dos novos *campi* (Ceilândia, Planaltina e Gama), a BCE abriu bibliotecas setoriais em cada campus para melhor atender a comunidade acadêmica, além das setoriais do Centro de Excelência em Turismo e do Hospital Universitário, com acervos especializados que visam atender aos cursos de cada campus e a qualquer aluno, ex-aluno, professor ou pesquisador que busque seus serviços.

A BCE organiza seu acervo de acordo com a Classificação Decimal Universal (CDU) sendo que, no subsolo estão as obras da classe 0 a 3, no térreo as classes 5 a 9 e no

primeiro andar o acervo de periódicos. O acervo é diversificado e visa atender as necessidades da comunidade acadêmica como um todo, contando com 1,5 milhões de volumes organizados em coleções, conforme o quadro abaixo:

Tabela 1 – Divisão do acervo da Biblioteca Central - 2015

Acervo	Composição
Acervo Geral	Livros, folhetos, teses e dissertações.
Folhetos	Publicações em 49 páginas.
OAE (Organismos Internacionais e Assuntos Especiais)	Livros da Editora da UnB, produção científica da Universidade, publicações de organismos internacionais e acervos especiais.
Mapoteca	Mapas cartográficos.
Multimeios	Materiais de multimídia
Obras Raras	Livros, folhetos, periódicos, entre outros documentos e valor histórico.
Cassiano Nunes	Obras da coleção pessoal de Cassiano Nunes.
Carlos Lacerda	Obras da coleção pessoal de Carlos Lacerda.
Periódicos	Publicações periódicas em torno de 3.700 títulos.
Referencia	Dicionários, enciclopédias, catálogos, entre outros.

Fonte: Biblioteca Central..., 2015a.

O funcionamento da biblioteca está dividido em seções, Direção, Referência, Atendimento ao usuário, Gerenciamento da Informação Digital (GID), Catalogação, Multimeios/OAE, Núcleo de Informática e Tecnologia (NIT) e Seleção/Intercâmbio/Compras e Restauração. A cada qual com sua competência tem por objetivo desenvolver conhecimento científico que dê suporte a Missão da Universidade de Brasília. Abaixo pode-se ver a lista dos setores a função de cada um:

- Direção – cuida da parte administrativa e gerenciamento da BCE e das bibliotecas setoriais;
- Referência - responsável pelo atendimento e informação ao usuário, bem como os treinamentos em bases de dados, o COMUT, visitas orientadas, busca no catálogo, auxílio estante, empréstimo de normas bibliográficas entre outros;
- Gerenciamento da Informação Digital (GID) – busca a gestão e disseminação da produção científica e acadêmica da Universidade de Brasília, sendo que a Biblioteca Digital e Sonora (BDS) é voltada para os deficientes visuais, a Biblioteca Digital de

Monografias (BDM) guarda o acervo de monografias da graduação e especialização da Universidade, a LE-UnB que realiza a publicação de livros eletrônicos produzidos na UnB, o Repositório Institucional que publica os trabalhos da UnB revisados pelos pares, e o Repositório de Objetos digitais de aprendizagem (RODA) tem como objetivo armazenar, preservar, divulgar e garantir acesso à produção de objetos educacionais da Universidade de Brasília;

- Catalogação – responsável pelo processamento bibliográfico da BCE e das bibliotecas setoriais;
- Multimeios/OAE – guarda e disponibilização dos materiais de multimídia;
- Obras raras – responsável pelos processos que envolvem o acervo de obras raras;
- Núcleo de Informação e Tecnologia – trata das questões ligadas a tecnologia da biblioteca;
- Seleção/Intercâmbio/Compras – responsável pelo desenvolvimento do acervo;
- Restauração – realiza o reparo de obras danificadas por motivos naturais, ou danos causados pelo homem. (BIBLIOTECA..., 2015c)⁷

Atualmente a biblioteca possui 48 bibliotecários, e um total de 112 servidores do quadro, de vários cargos de nível médio e superior, além dos profissionais terceirizados, estagiários, seguranças/porteiros e a equipe de serviços gerais. Os regimes de trabalho são em turnos para manter o funcionamento da biblioteca manhã, tarde e noite, e inclusive plantões em finais de semana e feriados, permitindo que a BCE fique aberta ininterruptamente. Porém, a UnB está tentando implementar um regime de flexibilização, de modo que o regime de trabalho ainda está incerto neste período de adequação.

3.1.1 Política de desenvolvimento do acervo e critérios de seleção da BCE

Implantada em 1980, a seção de seleção tinha função de promover o desenvolvimento do acervo, nessa época ainda sem se preocupar com um documento de política desenvolvimento de acervo e política de seleção. Diógenes (1989, p. 57) descreve as seguintes atividades para a seção:

⁷ Fonte: www.bce.unb.br

- 1- Mantém atualizado os acervos de fontes necessárias a aquisição de material bibliográfico;
- 2- Mantém contato com as unidades da FUB, no sentido de receber sugestões para aquisição de material bibliográfico;
- 3- Verifica as deficiências do acervo e indica o material a ser adquirido;
- 4- Seleciona o material bibliográfico recebido por doação e / ou permuta;
- 5- Seleciona, dentre as coleções particulares adquiridas por compra, o material a ser distribuído entre o acervo e o depósito;
- 6- Pesquisa e complementa, quando possível e / ou necessário, as referências bibliográficas do material a ser adquirido;
- 7- Elabora relatórios do material a ser adquirido.

Atualmente as atividades da seção de seleção, de acordo com os itens 1.2 e 1.3 da Política de Desenvolvimento de Acervo, são: elaboração, coordenação e implementação da própria política; desenvolvimento de metodologias para controle patrimonial e inventário do acervo; elaboração da política de seleção da BCE; orientação da aquisição; realização de processos de avaliação e desbastamento do acervo; recebimento das doações feitas por pessoas físicas e jurídicas; orientação dos processos de permuta (BIBLIOTECA..., 2015b).

O processo de seleção da BCE possui alguns dos critérios elencados por Vergueiro para se obter uma política de seleção clara e que dê suporte a responsabilidade e a missão da instituição a qual está subordinada. Para Vergueiro (1989, p. 26), a elaboração do documento deve ser baseada em informações sobre o estado atual da coleção, sobre a comunidade que utiliza o acervo, sobre a instituição, contando com informações acerca dos recursos disponíveis na instituição ou por meio de empréstimo entre bibliotecas. Para o autor, “[...] sem estes dados não se pode, sob risco de obter resultados indesejáveis ou inadequados, iniciar a elaboração da política”.

Faz-se importante ainda destacar que não existe um modelo ideal de política de seleção para ser seguido. Cabe a cada instituição adequar o documento às suas necessidades, podendo utilizar como base políticas já existentes de outras instituições.

O documento da BCE constitui-se de uma minuta datada de 2015. Até a data de finalização deste trabalho a minuta ainda não havia sido aprovada pela direção da BCE, sendo que anteriormente a criação da mesma, o desenvolvimento de coleções era baseado em um documento contendo os critérios de seleção sendo aplicados aos processos de compra, seleção positiva e negativa.

Analisando o desenvolvimento de acervo da BCE, encontraram-se formulações acerca da formação do acervo que resguarda a coleção da biblioteca com base na missão da própria UnB. “O acervo deverá conter material bibliográfico, de todas as áreas do conhecimento, necessário ao desenvolvimento das atividades de ensino, pesquisa e extensão da Universidade de Brasília, independentemente do suporte físico.” (BIBLIOTECA..., 2015b, p. 3).

Das atividades compreendidas no desenvolvimento de coleções, a política de desenvolvimento de coleções é o documento que dará o suporte para todo o processo de desenvolvimento do acervo. A política da BCE tem por objetivo,

[...] orientar e padronizar as decisões sobre o que se deve ser adquirido ou mantido no acervo, dentro das disponibilidades de recursos financeiros e de espaço físico, assim como em relação à demanda e avaliação do acervo já existente, visando às atividades de ensino, pesquisa e extensão desenvolvidas pela Universidade de Brasília. (BIBLIOTECA ..., 2015b, p. 1)

Para a BCE, o serviço de desenvolvimento de coleções deve ser o responsável pela criação e coordenação da política de desenvolvimento de coleções, além de exercer o controle sobre o patrimônio e a atividade de inventário do acervo. A política de desenvolvimento de coleções ainda prevê que ocorram estudos de usuários e análises de relatórios para averiguar o crescimento do acervo de modo que este seja um processo equilibrado tendo em vista que a política de desenvolvimento de coleções também institui que a biblioteca possua material bibliográfico de todas as áreas do conhecimento.

A categorização do acervo definida pela política de seleção declara que os itens selecionados devem obedecer às demandas da graduação, pós-graduação, especialização, pesquisa e extensão, sendo divididos nas categorias:

- Referência: composta por dicionários, enciclopédias, guias, índices e outros que devem ser atualizados periodicamente. Trata-se de recurso destinado a habilitar usuários no uso e aplicação das fontes de informação.
- Básica ou lastro: obras fundamentais e consagradas que constituem o núcleo de interesse de cada área. Fundamental para apoiar as atividades de pesquisa.
- Didática: obras indicadas pelos professores como leitura obrigatória ou complementar em suas disciplinas.

- Leitura corrente: coleção de livros, periódicos e outros materiais que atualizam a coleção, sempre na vigência dos últimos dois anos (BIBLIOTECA..., 2015b, p. 3).

Com base nessas categorias, a aquisição e seleção de materiais podem ser feitas mais claramente. Os itens para a formação do acervo devem se encaixar em uma dessas categorias para ter inclusão justificada de modo que o acervo se desenvolva sem ferir a missão e objetivo da instituição. Para garantir a continuidade da produção do conhecimento científico, o Ato da Reitoria n.267/87 declara que é obrigatório o envio de dois exemplares de toda publicação produzida ou editada na Universidade de Brasília para a coleção depositária na Biblioteca Central. Portanto, uma parte do acervo da BCE é composto por obras próprias da Universidade de Brasília, e como parte do acervo a Política de Desenvolvimento de Coleções decreta que um exemplar ficará na seção Organismos Internacionais e Assuntos Especiais (OAE) e o segundo exemplar no acervo geral.

Conforme observado na seção 2.3.1, Vergueiro (2010, p. 72) lista alguns itens gerais e fundamentais para a composição do documento:

- Identificação dos responsáveis pela seleção;
- Os critérios utilizados no processo;
- Os instrumentos auxiliares;
- As políticas específicas;
- Os documentos correlatos.

Fazendo a análise do documento da BCE, pode-se observar que alguns dos itens apontados por Vergueiro (2010), como os responsáveis, os critérios e os instrumentos auxiliares fazem parte do documento, controlando o processo de desenvolvimento do acervo.

Os responsáveis pela seleção de materiais da BCE são os bibliotecários da própria instituição. Esses profissionais, segundo o documento, “[...] deverão promover o equilíbrio e a consistência da coleção por possuírem conhecimento global do acervo, da comunidade a que servem e dos instrumentos apropriados a esta finalidade” (BIBLIOTECA..., 2015b, p. 4). Os bibliotecários formam uma coleção composta por um representante dos seguintes setores: desenvolvimento de coleções, referência, obras raras, processo técnico e coleções especiais,

em alguns casos a política de desenvolvimento de coleções instrui consultar um especialista da área.

O processo de seleção é baseado em 16 (dezesseis) critérios com a finalidade de otimizar o processo de incorporação de material bibliográfico. A compilação desses critérios faz com que o nível de qualidade do acervo seja crescente, não permitindo quedas nesse quesito e buscando satisfazer as necessidades informacionais dos usuários da instituição. Os critérios utilizados são:

- qualidade do conteúdo em relação à consistência do assunto;
- adequação do conteúdo ao currículo acadêmico e às linhas de pesquisa desenvolvidas na Instituição;
- demanda;
- quantidade de exemplares necessários em relação ao número de vagas por disciplina, de acordo com os critérios de avaliação do MEC;
- atualidade da obra;
- acessibilidade do idioma;
- custo justificável;
- valor efêmero ou permanente;
- autoridade do autor ou corpo editorial;
- áreas de abrangência do assunto;
- qualidade visual e auditiva de materiais especiais;
- conveniência do formato e compatibilização com equipamentos existentes;
- relevância histórica
- condições físicas da obra
- complementação do assunto na coleção existente;
- disponibilidade em outras bibliotecas, bases ou sites. (BIBLIOTECA..., 2015b, p. 5).

Vergueiro (2010, p.71) compara os critérios de seleção com as leis de um país, “[...] enquanto não são modificadas, devem ser obedecidas”. Os critérios de seleção da BCE delimitam o tipo de material bibliográfico a ser incorporado ao acervo. Estes critérios contemplam todas as características a serem observadas no item. Os responsáveis pelo processo podem até encontrar certa facilidade ao fazer a seleção, pois os critérios deixam definidos as especificidades que o item deve ter para fazer parte do acervo. Por ser uma biblioteca que contempla todas as áreas do conhecimento, a seleção deve ser um processo

minucioso para garantir a qualidade dos itens incorporados. É necessário ter cuidado para que material irrelevante não seja selecionado. Com base nos critérios é possível que o bibliotecário realize a seleção com o máximo de qualidade e gaste menos tempo.

Para nortear o processo de seleção pode-se ter como base outras informações além dos critérios. Os instrumentos auxiliares e a pesquisa de mercado servem para reforçar as definições dos critérios. Para a BCE, a seleção de itens usa como fonte o plano de ensino dos cursos da UnB, catálogos de editoras e livrarias, bibliografia utilizada por professores, *sites* de editoras e livrarias, bem como a sugestão dos usuários que devem ser o foco principal ao se incorporar itens a coleção da biblioteca.

A compra de materiais para a biblioteca também deve constar no documento de política de seleção. Para a BCE, a prioridade de aquisição são os pedidos de compra e solicitação dos usuários. Os mesmos critérios de seleção elencados acima também são válidos para aquisição. A BCE é responsável pelas compras. O processo é centralizado e a BCE repassa os itens para as bibliotecas setoriais de acordo com as respectivas demandas. É importante ressaltar que o processo de seleção e a política de desenvolvimento de acervo são aplicadas à BCE e às suas bibliotecas setoriais.

3.2 “Espaço Cassiano Nunes”

O “Espaço Cassiano Nunes” conta com aproximadamente 17.000 volumes, a coleção foi doada para a BCE em 2007 após o falecimento de Cassiano, o acervo conta com primeiras edições, obras autografadas e a Coleção Lobatiana.

Cassiano Nunes nasceu em Santos no dia 27 de abril de 1921 e faleceu no dia 15 de outubro de 2007. Foi um bibliófilo, poeta, professor, escritor e crítico literário. Apaixonado por livros, Cassiano afirmava que sua iniciação literária foi precoce. Ainda criança leu os livros que dispunha em sua casa, despertando assim a paixão por colecionar,

Na minha casa, havia apenas dois livros e ambos editados em Portugal. O primeiro era uma antologia de poemas, organizada por Albino Forjaz de Sampaio [...], seu título era “O livro das cortezãs”. Li-o com toda atenção. O outro compilava as cartas políticas do Ministro João Franco à sua Majestade El Rei D. Carlos I e não a li por falta de interesse. (NUNES, [19--?])

Sua formação literária começou cedo, quando aos 7 (sete) anos de idade ganhou seu primeiro livro *Reinações de Narizinho*, obra de Monteiro Lobato que o estimulou a começar sua coleção de livros e a frequentar locais que o apresentassem a novas literaturas. A motivação em colecionar veio do desejo de dialogar com a literatura. Para Cassiano a literatura era a mais bela forma de diálogo, a forma de se comunicar com a vida e com o universo.

Em sua vida adulta participou do movimento literário santista denominado pesquisismo, além de integrar a equipe do *A Tribuna*, também em Santos, onde foi revisor, redator, crítico literário e repórter. Cassiano possui o curso de letras anglo germânicas pela Universidade de São Paulo. Em 1947 estudou literatura norte-americana na Miami University, Estados Unidos. Em 1955 aperfeiçoou-se em literatura alemã na Universidade de Heildeberg, Alemanha, onde também lecionou sobre poesia modernista brasileira. Por fim, lecionou na Universidade de Brasília entre 1966 e 1991.

3.2.1 Características do acervo

Adquirir livros era uma forma de expor sua paixão pela literatura. Nunes os escolhia sem nenhum critério específico. Era movido pelo lado sentimental na hora de fazer uma nova aquisição. Os livros não eram meramente objetos de posse ou exibição, mas sim itens de valor sentimental para ele imensuráveis.

Como não havia critério específico para seleção e aquisição de materiais, não havia critérios rigorosos para a organização da coleção. Segundo a sua amiga, Maria de Jesus Evangelista, ou Maju (entrevistada em Apêndice B) – hoje curadora do “Espaço Cassiano Nunes” – em determinado momento Cassiano os organizou pelo nome do autor, porém essa organização não durou muito tempo e logo os livros já estavam dispostos seguindo critérios aleatórios, muitas vezes colocados na horizontal em cima de outros livros que já estavam ocupando a estante conforme a imagem abaixo:

Figura 3 - Cassiano Nunes em meio à sua coleção



Fonte: Arquivo pessoal, 2006.

O manuseio e organização dos livros eram feitos somente por Cassiano. O bibliófilo não aceitava auxílio de outras pessoas para a manutenção de sua biblioteca particular. Quando ainda em vida, não cogitou em se desfazer de nenhum item de sua coleção, nem mesmo em passá-la a diante. Seu desejo em doar sua biblioteca particular para a UnB surgiu da vontade de perpetuar suas lições para a comunidade acadêmica. Para Cassiano, a doação assegurava para a Universidade excelência como centro de ensino superior.

Cassiano manifestou o desejo de que sua coleção fosse doada para a UnB para que seu trabalho fosse continuado. Segundo Vergueiro (2010, p. 75), “[...] a frequência com que uma biblioteca é procurada para doação de materiais pode ser um sinal de seu prestígio junto à comunidade.”

No ano de 2007, por meio de um documento de autorização, os herdeiros de Cassiano Nunes permitiram a retirada da coleção da casa do poeta e sua instalação nas dependências da UnB. Após a doação, essa coleção passou a fazer parte do acervo da Universidade.

O processo foi acompanhado pela UnB e pelos herdeiros de Cassiano. A doação não passou por filtros de seleção, principalmente pela falta de um bibliotecário e de um museólogo acompanhando a incorporação. Além disso, nenhum tipo de avaliação da coleção

foi realizado antes que a UnB decidisse manter a coleção nas dependências da BCE. Figueiredo (1979) ressalta que:

[...] qualquer avaliação da coleção da biblioteca deve levar em consideração as metas estabelecidas pela biblioteca, os seus objetivos, missão, ou o que quer que seja que defina sua razão de ser, no contexto, quando cabível, das metas, objetivos ou missão da organização relacionada ou mesmo pertencente ao mesmo sistema ao qual a biblioteca pertença. ”. (FIGUEIREDO, 1979, p.12)

Já havia um indicativo do encaminhamento da doação à BCE, pois a minuta da criação do “Arquivo-Museu de Literatura Brasileira, da Universidade de Brasília (AML/UnB)”, assinada pelo então Reitor Lauro Morhy em 1999 (Anexo II), instituía a criação do “Arquivo-Museu” nas dependências da BCE e do comitê administrativo. Ao se analisar o acervo da BCE pode-se perceber que o projeto “Arquivo-Museu” não foi mantido como declarado no documento, mas foi integrado ao acervo geral. No item V do documento era prevista a permanência temporária do acervo nas dependências da Biblioteca após tratamento técnico por parte da BCE até a construção de um local próprio para a instalação do Arquivo-Museu.

O “Espaço Cassiano Nunes” é uma razão social que constitui uma coleção especial dentro da BCE com a missão de “Guardar, conservar e divulgar o acervo literário, artístico e objetos pessoais do professor, escritor e poeta Cassiano Nunes Botica, doado à Universidade de Brasília” (BIBLIOTECA..., [20--?]). Seu caráter de coleção especial se dá por razões metodológicas e de processamento técnico da BCE, além de necessitar de um espaço específico para existir, pois é uma coleção particular que além de biblioteca se constitui como museu.

Alguns itens configuram a formação do “Espaço Cassiano Nunes”. Além dos livros, o acervo guarda jornais, revistas, recortes de jornais feitos por Cassiano, obras de arte, cadeira do próprio bibliófilo e, a demais, itens pessoais como sua máquina de escrever, arquivo de fotos pessoais, óculos, medalhas e condecorações, quadros, esculturas, seus diários pessoais – de onde foram retiradas informações para este trabalho – e outros objetos de posse do colecionador.

Figura 4 – Objetos pessoais de Cassiano Nunes



Fonte: Autora, 2015.

Em seus 8 (oito) anos de existência, o “Espaço Cassiano Nunes” contribui para a formação de pesquisadores e produção de conhecimento científico. O objetivo de Cassiano ainda em vida é respeitado pela BCE que definiu como objetivos do Acervo Cassiano Nunes:

Promover e difundir cultura, objetivo precípua de bibliotecas universitárias, numa tríplice dimensão de ensino, pesquisa e extensão. Mais que isso, visa a formar leitores e pesquisadores universitários e acadêmicos, apoiando estudos de graduação e pós-graduação e demais amantes da literatura e da arte na sociedade. (BIBLIOTECA..., [20--?])

Através de um relatório gerado pelo sistema Pergamum⁸ foram recuperados 10702 (dez mil setecentos e dois) registros das obras disponíveis no Acervo Cassiano Nunes. As obras são bastante diversificadas, indo desde assuntos correlatos a diferentes campos do conhecimento. A tabela abaixo mostra o total aproximado de itens⁹ por classe de acordo com a Classificação Decimal Universal (CDU):

⁸ O sistema Pergamum contempla as principais funções de uma Biblioteca, funcionando de forma integrada, com o objetivo de facilitar a gestão dos centros de informação, melhorando a rotina diária com os seus usuários. Acrescentei o *link* nas referências. (PERGAMUM, 2014).

⁹ Número aproximado com base na análise do relatório fornecido pela BCE até a data de apresentação deste trabalho.

Tabela 2 – Divisão do Acervo Cassiano Nunes

Classe	Total Aproximado de itens
0 – Generalidades. Ciência e conhecimento	300
1 – Filosofia. Psicologia	400
2 – Religião. Teologia	110
3 – Ciências Sociais	820
5 – Matemática. Ciências Naturais	17
6 – Ciências Aplicadas. Medicina. Tecnologia	100
7 - Artes. Esportes. Arquitetura	490
8 – Linguística. Linguagem. Literatura	6.828
9 – Biografia. Geografia. História	1.668

Fonte: Biblioteca Central, 2015d.

Conforme observado na tabela, o acervo é diversificado tendo como maior área de abrangência a linguística, linguagem e literatura. O acervo não possui estatística de quantos usuários fazem uso dos materiais disponíveis através do sistema Pergamum. O controle é realizado pela estagiária do setor que registra os usuários em uma tabela. De abril até junho de 2015, o “Espaço Cassiano Nunes” recebeu a visita de 17 usuários de diversos cursos. O quadro abaixo mostra a relação de usuários, os cursos e as obras consultadas:

Tabela 3 – Relação de usuários do “Espaço Cassiano Nunes”, 2015.

Data	Curso	Obra Requerida	Autor
10/04/15	Não informado	Empirismo herege	Pier Paolo Pasolini
16/04/15	Pedagogia	Literatura infantil brasileira	Regina Ziberman
23/04/15	Museologia	Opúsculos selectos da filosofia medieval	Braga
27/04/15	Letras	Introdução à literatura negra	Zilá Bernd
12/05/15	Pedagogia	A Literatura infantil na escola	Regina Zilberman
12/05/15	História	Teresa de Ávila	René Fulop Miller
19/05/15	Não informado	Notícia geral da capitania de Goiás em 1783	Paulo Bertran
21/05/15	Serviço Social	Personalismo	Emmanuel Mounier

21/05/15	Não informado	O mestre da beleza	Ivo Pitanguy
27/05/15	Psicologia	Em face do outro	Luís Lavelle
27/05/15	Literatura	Transblanco	Octavio Paz
27/05/15	Letras	Empirismo hereje	Pier Paolo Pasolini
28/05/15	Artes	Lívio Abramo: xilogravuras	Lívio Abramo
15/06/15	História	Homens em tempos sombrios	Hanna Arendt
18/06/15	Letras	Ficção completa Guimarães Rosa	João Guimarães Rosa
22/06/15	Letras	Literatura e vida literária	Flora Sussekind
23/06/15	Letras	Literatura e vida literária	Flora Sussekind

Fonte: Autora, 2015.

Embora o acervo possua a maior quantidade de obras na área de Linguística e Literatura, ele atende a diferentes cursos existentes na Universidade. A ampla gama de opções de materiais disponíveis atraí alunos, professores, servidores e pesquisadores a conhecer o acervo deixado por Cassiano.

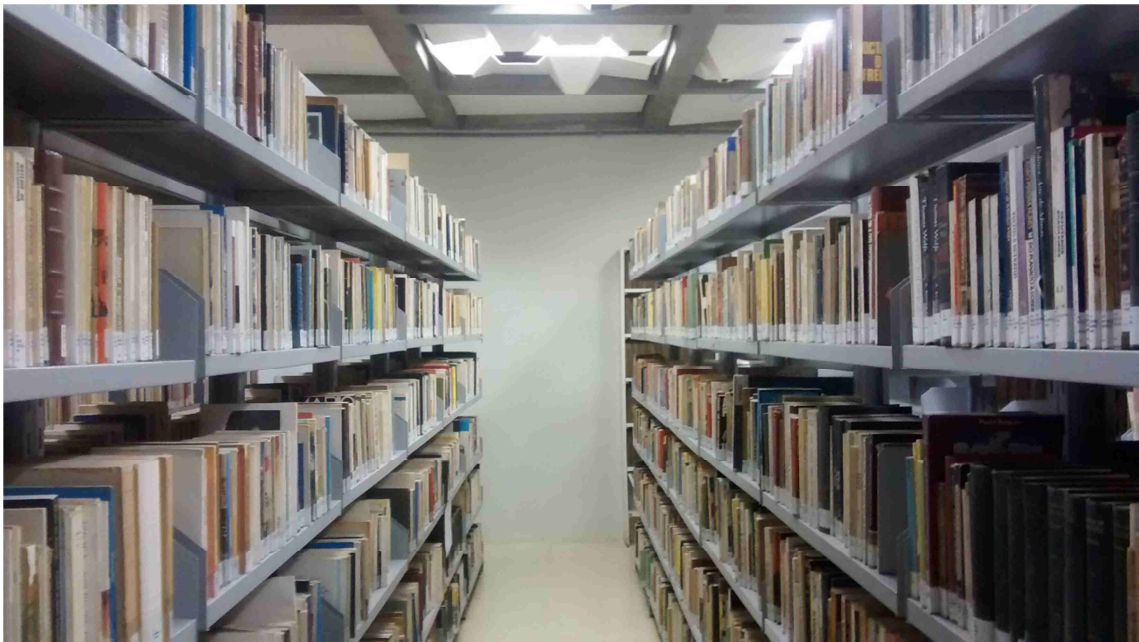
A manutenção do “Espaço Cassiano Nunes” é feita pela direção da BCE em sua complexidade institucional, a UnB não destina nenhum tipo de recurso extra para colaboração com a manutenção da coleção.

Anteriormente atentou-se ao fato de que cada coleção possui um significado, sendo que tal significado vem de uma relação entre coleção e colecionador. Alguns autores corroboram a ideia de que a partir do momento em que a coleção passa para outro local e para outras mãos (seja por morte do colecionador, venda ou doação), a coleção perde o seu contexto inicial. Segundo Santos (2010, p. 13):

Colecionar prevê dois momentos básicos: a exposição dos objetos, cujas questões envolvem a produção, a circulação e o contexto da cultura; e a invenção da ordem, ou seja, associar atribuições às vertentes classificatórias destinadas a eles, definido no tempo e no espaço da sociedade. Contudo, nessas abordagens, ainda constam-se (*sic*) insuficiências que são vistas como polarizadas por privilegiar contextos de origens e não os gestos museológicos em suas apropriações e descontextualizações.

Receber uma coleção implica em cuidar desta coleção da mesma forma que o colecionador cuidava em respeito à sua memória e a sua dedicação. Algumas instituições tendem a aplicar seus critérios à disposição e manutenção da coleção como aconteceu com a coleção de Cassiano Nunes, que foi organizada segundo os parâmetros da BCE – de acordo com a Classificação Decimal Universal – sem manter a ordem deixada por Cassiano. A curadora do “Espaço Cassiano Nunes”, Maria de Jesus Evangelista, relata que quando o Prof. Edson Nery da Fonseca – que era amigo de Cassiano – entrou no espaço destinado a coleção e se deparou com a organização feita pela BCE, repreendeu os responsáveis por terem descaracterizado a ordem deixada por Cassiano.

Figura 5 – Organização do “Espaço Cassiano Nunes” segundo os critérios da BCE



Fonte: Autora, 2015.

Analisando ainda o argumento de Santos (2010, p. 15) sobre o contexto das coleções museológicas, tem-se que observar não só o contexto pelo ponto de vista da coleção enquanto particular, mas também pelo ponto de vista da instituição que receberá a coleção:

[...] as descrições sucintas, envolvendo um acervo museológico, nem sempre são suficientes para reconstituir a maneira pela qual os objetos foram abordados, apropriados e classificados. Pesquisadores a cada dia recorrem à interdisciplinaridade para inferir narrativas a respeito de um determinado objeto, a partir da memória operante, considerando como, quando e o porquê foram atribuídas qualidades físicas e sígnicas ao objeto.

Ao falar de institucionalização de coleções particulares, é preciso lembrar não só do contexto da coleção, mas também do seu trabalho, o que transcende os aspectos emocionais, afetivos e simbólicos para quem coleciona. Por exemplo, Pedrochi (2007, p. 2) ressalta que

[...] as coleções de objetos particulares, além dos seus valores recordatórios e simbólicos, possuem também um valor econômico. Uma coleção, entendida como um conjunto de objetos articulados em torno de certos elementos internos ou externos possui também um valor de mercado.

Portanto, por mais que o colecionador não identifique, conforme o exemplo citado, o valor comercial em sua coleção, pois se desfazer dela é algo inimaginável, ela possui valor de mercado. Ao passar de uma coleção particular para um acervo que a subsume e pertencente a outra instituição, o valor de mercado tem influência sobre a decisão de manter esta coleção. Além do valor de mercado, há o valor de manutenção e a possibilidade de resgate da memória do colecionador; no caso desta última, o valor é imensurável.

Ao institucionalizar uma coleção, torna-se público o trabalho de vida do colecionador. Ainda em Pedrochi (2007) é possível ver que “[...] os estudos sobre colecionismo obtiveram um considerável avanço, ao ponto de se tornarem motivo de estudos de diversas disciplinas, o aspecto da sua institucionalização ainda está inexplorado”. Ainda há muito que se estudar e debater sobre a área para que se possa chegar a definições relevantes para a ciência.

Com aproximadamente 17.000 volumes o “Espaço Cassiano Nunes” encontra-se ainda em processo de inclusão no acervo da BCE, mesmo após 8 anos. Cerca de 14.000 volumes já receberam tratamento técnico, porém o restante das obras aguarda ainda o processo de higienização e restauração – em alguns casos – para somente após, passarem pelos processos de catalogação, classificação e indexação. Alguns itens se encontram em estado de deterioração. Os livros que ainda não passaram pelo processamento técnico estão empilhados no fundo do acervo causando danificação de vários itens, seja por mofo, ferrugem, fungos, clima e umidade desfavoráveis e por armazenamento incorreto.

Figura 6 – Livros deixados por Cassiano Nunes aguardando devido tratamento



Fonte: Autora, 2015.

4 METODOLOGIA

4.1 Delimitação

A pesquisa consiste em um estudo de caso a partir de duas análises: 1) com base na Política de Desenvolvimento do Acervo da BCE, em particular na política de seleção; 2) com base no Acervo Cassiano Nunes. Conforme destacado no objetivo geral, tais análises foram realizadas para comparar, respectivamente, critérios e variáveis presentes no desenvolvimento de uma coleção formal tocante a incorporação de uma coleção informal (advinda do colecionismo).

4.2 Procedimentos

Para o desenvolvimento do presente trabalho utilizaram-se recursos documentais, fornecidos pela UnB e pela BCE (vide anexos I, II e III), e bibliográficos, abordando-se, neste último caso, pesquisas sobre colecionismo e sobre desenvolvimento de coleções sistemáticas. As pesquisas abordadas auxiliaram a compreender o fenômeno colecionismo, quando analisado o Acervo Cassiano Nunes, e o fenômeno de desenvolvimento de coleções sistemáticas, tais como as compostas no acervo da BCE. Para auxiliar o processo de busca foram utilizadas bases de dados bibliográficas como, o portal de periódicos Capes, Jstor, Brapci, Lila, repositório institucional da UnB e Scielo, além do uso dos termos em português e em inglês para busca nas mencionadas bases de dados, tais como: desenvolvimento de coleções e desenvolvimento de acervo (*collection development*), política de seleção (*selection policy*), colecionismo (*collecting*), colecionismo bibliográfico (*bibliographical collecting*), acumulação (*accumulation*), memória social (*social memory*), coleções e memória (*collections and memory*), patrimônio bibliográfico (*bibliographical patrimony*) e institucionalização de coleções (*collection institutionalization*). Tais termos de busca foram utilizados tanto individualmente como combinados através de operadores booleanos.

Ao realizar a busca nas bases de dados foram encontrados 1.860 resultados para colecionismo, 4.690 para colecionismo bibliográfico, 207 para política de seleção, 85 para desenvolvimento de acervo e 42 para coleções e memória.

Também foi realizada entrevista semiestruturada¹⁰ (instrumento em Apêndice A) com a curadora responsável pelo Acervo Cassiano Nunes. A coleta dos dados aconteceu em três encontros de aproximadamente uma hora cada, sendo o primeiro e o segundo com a curadora do Acervo Cassiano Nunes (vide transcrição da entrevista no Apêndice B) e o terceiro com os funcionários da Seção de Seleção da BCE. No primeiro encontro os questionamentos foram acerca da vida pessoal de Cassiano Nunes. O segundo encontro teve por objetivo encontrar informações referentes ao processo de incorporação, manutenção e condições do acervo. Em um terceiro momento, a seção de seleção da BCE foi contatada para obter acesso à política de desenvolvimento de acervo da instituição, sendo que este processo foi realizado via *e-mail*.

¹⁰ Entrevista semiestruturada se caracteriza por possuir questões pré-definidas, possibilitando a inserção de demais questões conforme o andamento da entrevista. Constitui-se como um tipo de entrevista mais informal, estabelecendo-se quase da mesma forma que um diálogo. O instrumento foi elaborado com a utilização de questionamentos básicos relacionados ao tema da pesquisa.

5 ANÁLISE DOS DADOS E RESULTADOS

Os dados levantados nesta pesquisa por meio de pesquisa bibliográfica, de entrevista semiestruturada e de análise de documentos estão apresentados de forma narrativa. No caso de citação dos dados bibliográficos, mantém-se a representação mediante o sistema autor-data. Já a citação dos resultados obtidos mediante o instrumento utilizado para a realização da entrevista e por meio da fonte da pesquisa documental, recorreu-se ao recurso de remissivas, respectivamente, aos apêndices e ao anexo.

5.1 Política de Desenvolvimento do Acervo da BCE e Acervo Cassiano Nunes

Esta seção tem por objetivo detalhar e organizar os dados coletados durante a pesquisa, com a intenção de abordar a aplicação de políticas de seleção ao colecionismo. Realizou-se a análise da política de desenvolvimento de acervo da Biblioteca Central da Universidade de Brasília em cotejo com a institucionalização do Acervo Cassiano Nunes.

Coleções originárias no colecionismo por mais diferentes que sejam umas das outras, possuem em comum o sentimento, a tentativa de resignificar o mundo, enfim, colecionar é preencher um vazio. Seja onde estiver, a coleção será parte do colecionador e o colecionador será parte da coleção; através da dela, o colecionador é eternizado, permanece vivo na coleção e na memória que ela carrega.

As bibliotecas são locais de memória, de produção e de circulação de conhecimento, dentre outras atribuições de sentido. As coleções da biblioteca e os documentos armazenados contribuem para o resgate de memórias. Ao abordar o lugar de memória, Castro (2006, p. 10) aponta que a biblioteca permite o resgate de múltiplos enunciados capazes de trazer à tona a recordação de um lugar, conceitos, normas, jogos de poder, rituais e ruptura de grupos sociais organizados. A preservação de itens que remetem à memória tem tido destaque na vida do homem desde os tempos antigos. Os objetos são veículos de memória e as bibliotecas um lugar de diálogo entre o passado e o conhecimento.

Os usuários da BCE contam com uma vasta e diversificada coleção, contemplando obras de todas as áreas do conhecimento. O armazenamento de itens produzidos e diferentes datas e contextos mostra o papel de guardião da memória e do conhecimento. Mesmo com o avanço tecnológico e a visão de disseminadora da informação, a biblioteca abriga os mais variados registros e suportes que vão refletir na comunidade usuária. Um bom acervo reflete no desempenho dos usuários em suas atividades para que haja o desenvolvimento de

pesquisas. Por exemplo, os usuários e a universidade necessitam contar com um acervo múltiplo que ofereça qualidade na busca pelo conhecimento. De acordo com Miranda (2007, p.3), “[...] as universidades são centros transmissores do saber por meio do ensino e dos materiais informacionais. A biblioteca sempre trabalhou em parceria com a universidade, desempenhando a função de preservar e disseminar o conhecimento. ”

Institucionalizar uma coleção implica receber não só a coleção, mas também os significados nela embutidos; implica tornar um objeto privado em público ao expor a relação do colecionador com sua coleção. Segundo explica Meneses (1998, p.96), “[...] a coleção privada, com efeito, é a forma, senão exclusiva, pelo menos dominante, pela qual objetos pessoais, em nossa sociedade, expõem-se a esfera pública”. Existem milhares de coleções espalhadas pelo mundo, porém, não se conhece nem a metade delas, pois uma das únicas formas de conhecê-las é por meio de sua inserção em museus, bibliotecas e arquivos, ou seja, tornar público o que era privado.

O caráter particular das coleções não é algo negativo, conforme abordado. O colecionismo é uma atividade privada e íntima, portanto, nem todos os colecionadores querem passar por esse tipo de exposição. Tornar uma coleção pública implica tornar público a intimidade do colecionador. Em alguns casos, o colecionador assume uma responsabilidade social e toma para si o objetivo de compartilhar os seus pertences em prol da sociedade.

O “Espaço Cassiano Nunes” é advindo de uma coleção privada que se tornou pública após a morte do colecionador e a doação da coleção para a UnB. Conforme observado na entrevista realizada (vide apêndice B), o desejo do colecionador de doar a coleção para a UnB surgiu da vontade que Cassiano Nunes tinha em disponibilizar o acesso público de sua coleção para outrem de modo a subsidiar a produção do conhecimento científico.

Conforme mencionado, a BCE conta com um vasto e diversificado acervo. Desde a sua criação tem sido referência em ensino e pesquisa, porém, possui uma preocupação tardia com relação ao desenvolvimento de sua coleção. Criada em 1962, somente 53 anos depois recebeu um documento de desenvolvimento de coleções – que até a finalização deste trabalho se constituiu como minuta (veja-se Anexo I) – cuja função consiste em resguardar seu acervo no sentido de alcançar o objetivo e a missão da instituição.

Ao incorporar o Acervo Cassiano Nunes não houve processo de seleção nem de estudo da comunidade para identificar as necessidades dos usuários e da comunidade. A falta de acompanhamento de um responsável e de seleção são duas características negativas deste processo. Weitzel (2013, p. 36), por exemplo, afirma que “[...] não é possível selecionar por lotes, uma vez que cada título deve ter seu lugar no acervo, uma razão para estar ali”, ou seja,

por maior valor que Cassiano Nunes tenha agregado ao acervo da BCE, faltaram parâmetros para tomada de decisão.

Ao receber uma coleção vinda da atividade do colecionismo, a BCE retoma a memória do colecionador. Acolher a coleção e disponibilizá-la para o acesso ao conhecimento demonstra o relevante papel da biblioteca como local de memória, onde a figura do colecionador permanece viva através da guarda desta coleção. Atribuir o nome do colecionador ao acervo montado em local especial e permitir que os leitores e usuários se apropriem das informações ali contidas ressaltam a importância de se preservar a memória em busca da difusão do conhecimento no futuro.

Por razões metodológicas da BCE que permite contemplar acervos de diferentes tipologias, podendo acolher coleções de cunho literário, artístico e museológico – pois o Acervo Cassiano Nunes contém itens pessoais do colecionador, como, por exemplo, máquina de escrever, mesa e cadeira – aquele acervo foi definido como coleção especial.¹¹

O processo de doação não era claro em 2007 quando o acervo foi incorporado pela BCE. Não existiam diretrizes que permitissem ou negassem o recebimento de um acervo tão grande. Ainda hoje a BCE não apresenta uma política de seleção e os parâmetros estipulados para seleção não se preocupam com a formulação de critérios para recebimento ou recusa de uma doação deste tipo. Falta no documento da BCE instituir normas para lidar com coleções advindas da atividade de colecionismo.

A política de desenvolvimento de acervo da BCE respalda a continuidade do Acervo Cassiano Nunes, garantindo que ele não seja descartado, porém, em nenhum momento o documento (Anexo I) garante que as obras da coleção não possam ser misturadas ao acervo geral, sendo que é necessário proteger a coleção de forma a não permitir que o “Espaço Cassiano Nunes” seja desmembrado e incorporado ao acervo geral, descaracterizando a obra de vida deixada pelo colecionador. O “Espaço Cassiano Nunes” não recebe influências diretas dos critérios de seleção da BCE, pois as obras da coleção não irão passar por outro filtro de seleção, uma vez que já estão no acervo e teoricamente foram selecionadas.

Como ferramenta de suporte para trabalhar com o fluxo informacional, o cuidado com o tamanho da coleção e a qualidade do acervo é vital para que a instituição tenha um documento de desenvolvimento de coleções. Nos itens necessários para o desenvolvimento de

¹¹ Atualmente as atividades de processamento bibliográfico estão paradas e aproximadamente 7.000 itens aguardam devido tratamento.

coleções abordaram-se os seguintes processos: estudo da comunidade, seleção, aquisição, avaliação e desbastamento, cada qual com o direcionamento de uma política particular.

Na análise dos documentos fornecidos pela instituição (vide Anexo I), a BCE apresenta os critérios de seleção, aquisição, descarte e avaliação. Ao se analisar o acervo da BCE como um todo, pôde-se identificar que não há política de seleção nem de aquisição. Estes processos entram como itens da política de desenvolvimento de coleção (itens 4 e 5, respectivamente). No item referente à aquisição, este processo ocorre conforme legislação vigente da administração pública. Aspectos específicos ao processo de aquisição estão dispostos no item 5.1 do documento e prevê que a aquisição terá como prioridade:

- Pedidos de compras de bibliografia;
- Solicitação de usuários via *site* da BCE;
- Atualização de acervo;
- Reposição de acervo (desaparecidos)

Alguns desses processos carecem de detalhamento e parâmetros claros para que sejam efetivados. Ao elaborar o documento de desenvolvimento do acervo, a instituição não realizou um novo estudo de usuários e deixou brechas abertas com relação à doação de novos materiais de informação, principalmente relacionado ao recebimento de coleções particulares.

No que toca às doações, o item referente à seleção institui que as doações sejam incentivadas como forma de adquirir títulos não comercializados, contudo, no *site* da BCE as informações referentes à doação dizem que as doações estão suspensas desde agosto de 2014. A falta de planejamento e uma política de desenvolvimento de coleções tardia pode ter levado a instituição ao acúmulo de materiais, onde a quantidade de itens é maior do que a capacidade dos responsáveis pelo processo de seleção. Existem no *site* orientações para aqueles que desejam fazer doações para a biblioteca, detalhando o tipo de obra (como as de cunho científico que apoiem as atividades de ensino, pesquisa e extensão), a quantidade que pode ser doada diretamente e a quantidade que necessita ser listada. Estas exigências estão claras para os usuários no *site*, porém falta especificação para os casos de doações, como a realizada por Cassiano Nunes.

Ainda se tratando de doações, o desenvolvimento de acervo da BCE prevê que as doações devem passar pelos mesmos critérios de seleção pelos quais outros itens passaram. Além disso, prevê que uma doação em número expressivo necessita ser listada e pré-selecionada. Outra característica é a observação contida no documento: “[...] condições

especiais vinculadas ao recebimento de doações não serão aceitas como, por exemplo, manter uma coleção separada no acervo da BCE” (BIBLIOTECA..., 2015b, p. 7). Além disso, é necessário que a quantidade de itens doados seja clara.

Analisando os critérios de seleção, pode-se observar que esses cobrem boa parte dos critérios propostos na literatura da área. Com relação ao conteúdo dos documentos, os critérios apresentados são:

- Qualidade do conteúdo em relação a consistência do assunto;
- Adequação do conteúdo ao currículo acadêmico e às linhas de pesquisa desenvolvidas na instituição;
- Atualidade da obra;
- Autoridade do autor ou corpo editorial;
- Áreas de abrangência do assunto. (BIBLIOTECA..., 2015b, p. 8).

De acordo com Vergueiro (2010), no aspecto relativo ao processo de seleção que aborda o conteúdo do documento, a BCE só não estipulou critérios para precisão e imparcialidade, sendo a precisão responsável pela veracidade da informação, ou seja, o quão correta ela é. Para isso, o autor sugere que um especialista da área seja consultado, pois a precisão pode ser difícil de ser identificada em documentos em que o bibliotecário não tenha domínio do conteúdo abordado. A imparcialidade se preocupa com a abordagem do assunto de forma justa. Muitas vezes “[...] obras não-imparciais representam uma visão alternativa de um determinado assunto, funcionando como uma espécie de contraponto a obras já existentes no acervo” (VERGUEIRO, 2010, p. 20).

No que se refere ao usuário, o processo de seleção apresenta dois itens: demanda e acessibilidade do idioma. Na demanda será levado em consideração o quanto a obra é ou possa ser requisitada e relevante para o usuário. Já o quesito acessibilidade do idioma se preocupa com o domínio que o usuário tem de idioma que não seja o seu idioma nato. As obras a serem selecionadas devem se adequar aos idiomas compreendidos pelos usuários, para isso, seria necessário fazer um estudo de usuários e ter uma tabela ou quadro contendo os idiomas identificados na pesquisa. A política de seleção da BCE não apresenta delimitação dos idiomas e tampouco realizou um estudo de usuários para tal.

Na análise dos aspectos adicionais foi identificado que, apesar de existirem critérios para esses itens, a BCE carece de políticas específicas para esses materiais. Os critérios envolvem:

- Quantidade de exemplares necessários em relação ao número de vagas por disciplina, de acordo com os critérios de avaliação do MEC;
- Qualidade visual e auditiva de materiais especiais;
- Condições físicas da obra;
- Complementação do assunto na coleção existente;
- Disponibilidade em outras bibliotecas, bases ou *sites*. (BIBLIOTECA..., 2015b, p. 8)

Juntamente com os critérios adicionais, faltam diretrizes específicas para tratar desses itens. Por exemplo, no que se refere ao enquadramento de material especial, qual a quantidade e quais as bases que serão consultadas, bem como é necessário realizar a seleção das bases de dados assinadas pela biblioteca? Os critérios estipulados pela BCE ainda preveem os gastos de custo justificável e valor efêmero ou permanente.

Após analisar os critérios, é possível perceber que nenhum critério remete a possibilidade de o item ser parte de uma coleção advinda do colecionismo. Faltam critérios que norteiem esses casos. Com isso, qual o tipo de análise deve ser priorizado? Quais os procedimentos devem ser tomados? Como avaliar a relevância do item? No caso do Acervo Cassiano Nunes, não foi nenhuma diretriz que permitiu sua entrada na coleção e sim a falta de uma diretriz. Contudo, a coleção contribui para a missão da BCE e tem se mostrado importante por atender diversos cursos da UnB. Como biblioteca particular, a coleção era guardiã de conhecimentos e da afetividade do colecionador. Ao ser institucionalizado, o Acervo Cassiano Nunes tornou-se público e fomenta a propagação e a disseminação da informação e de conhecimentos, bem como o acesso à memória do colecionador e dos conhecimentos registrados que o bibliófilo cultivava.

O processo decisório dentro do desenvolvimento de coleções necessita de normas e padrões que guiem o percurso com intuito de avaliar a aquisição, a manutenção e o desbastamento dos itens da coleção. As coleções devem evoluir de forma harmônica e equilibrada. Para isso, é importante que o desenvolvimento de coleções seja completo e ininterrupto.

No colecionismo, as coleções são vistas de forma geral e não por partes, portanto, o processo de seleção deste tipo de coleção não é o processo realizado título a título como nos casos de doações corriqueiras. O desenvolvimento de coleções deve estabelecer normas específicas para esses casos.

Após a análise do desenvolvimento de acervo da BCE, propõe-se aqui uma política de seleção mais condizente com a instituição e com os critérios direcionados às coleções especiais. Espera-se que os critérios e a política proposta possam ser recebidos pela instituição como sugestão que complemente a política de desenvolvimento de coleção existente.

Como o processo de seleção está previsto no desenvolvimento de coleções da BCE, a política de seleção proposta está mesclada ao processo descrito pela instituição. De acordo com Vergueiro (1995), a política de seleção é um instrumento de trabalho que dá suporte para as decisões do processo de seleção. Assim sendo, para melhor entender o documento da BCE e os temas abordados neste trabalho, a tabela abaixo contém os pontos elencados no documento da BCE e os pontos elucidados nesta pesquisa:

Tabela 4 – Comparativo entre o processo de seleção da BCE e o modelo de política de seleção sugerido pela literatura da área – Brasília – 2015

Composição do documento - Política de Seleção sugerida	Processo de seleção da Biblioteca Central
Definição dos responsáveis pelo processo de seleção	Sim
Mecanismos para identificação, avaliação e registro (listas, formulários, tabelas, etc.)	Não
Instrumentos auxiliares	Sim
Critérios utilizados	Sim
Políticas específicas	Não

Fonte: Autora, 2015

Pode-se perceber que o processo de seleção possui 3 itens dos recomendados para construção da política de seleção. Os mecanismos para identificação, avaliação e registro, além das políticas específicas, não são retratados no processo. Os próximos parágrafos são destinados à construção da política sugerida.

5.2 Proposta de política de seleção

5.2.1 Responsáveis pelo processo de seleção¹²

¹² Item explicitado no documento de desenvolvimento de acervo da BCE. A descrição do item foi mantida de acordo com o documento original.

A seleção, o desenvolvimento e a manutenção da coleção é de responsabilidade consensual da equipe de bibliotecários da Divisão de Seleção e Compras (DSC) e da Comissão de Seleção, em caráter consultivo, quando for julgado necessário.

5.2.1.1 Constituição da Comissão de Seleção

A Comissão de Seleção será composta por um bibliotecário representante de cada um dos seguintes setores: Desenvolvimento de Coleções, Referência, Obras Raras, Processos Técnicos e Coleções Especiais. Pode-se, em casos especiais, também solicitar auxílio a especialistas da área.

5.2.2 Instrumentos auxiliares¹³

- Plano de curso das disciplinas;
- Catálogos distribuídos por editoras e livrarias;
- Bibliografia indicada por professores e coordenadores do curso;
- *Sites* de editoras e livrarias;
- Sugestão dos usuários.

5.2.3 Critérios gerais de seleção¹⁴

Critérios básicos de seleção devem ser definidos para direcionar de modo racional a aquisição e a incorporação de material bibliográfico, priorizando os assuntos relacionados ao currículo acadêmico e linhas de pesquisa da UnB.

5.2.3.1 Critérios

- Qualidade do conteúdo em relação à consistência do assunto;

¹³ Item 2.3 da política de desenvolvimento de acervo. Há a necessidade de a instituição delimitar quais as fontes ou instrumentos específicos para contemplar este item.

¹⁴ Os critérios básicos de seleção estão descritos no processo de seleção do documento de desenvolvimento de acervo da BCE.

- Adequação do conteúdo ao currículo acadêmico e às linhas de pesquisa desenvolvidas na Instituição;
- Demanda;
- Quantidade de exemplares necessários em relação ao número de vagas por disciplina, de acordo com os critérios de avaliação do MEC;
- Atualidade da obra;
- Acessibilidade do idioma;
- Custo justificável;
- Valor efêmero ou permanente;
- Autoridade do autor ou corpo editorial;
- Áreas de abrangência do assunto;
- Relevância histórica;
- Condições físicas da obra;
- Complementação do assunto na coleção existente;
- Disponibilidade em outras bibliotecas, bases ou *sites*;

5.2.4 Políticas específicas

As políticas específicas fazem abordagem as coleções e materiais especiais. Os critérios específicos de seleção devem trabalhar em conjunto aos critérios básicos para que haja harmonia e equilíbrio no processo. Os critérios definidos neste item têm por objetivo guiar a comissão de seleção na decisão de incorporar ou não coleções particulares, materiais especiais como filmes, CDs, DVDs, HQs, folhetos, coleções particulares, etc.

5.2.4.1 Critérios específicos de seleção

- Qualidade visual e auditiva de materiais especiais;
- Conveniência do formato e compatibilização com equipamentos existentes;¹⁵
- Relevância acadêmico-científica da coleção ou item;

¹⁵ Os critérios qualidade visual e auditiva de materiais especiais e o critério conveniência do formato e compatibilização com equipamentos existentes foram realocados de local por se enquadrarem em políticas específicas.

- Relevância para a comunidade usuária;
- Usuários potenciais que podem vir a utilizar o material;
- Custo envolvido na manutenção;
- Importância do doador/colecionador;
- Relevância do doador para a Universidade;
- Implicações quanto a memória institucional;
- Contribuição potencial para o acervo existente;
- Características históricas da coleção;
- Possível obra rara;

5.2.5 Aquisição

Processo de agregação de material bibliográfico por meio de compra, doação ou permuta, as quais devem seguir determinações da legislação vigente no âmbito da administração pública.

5.2.5.1 Prioridades para aquisição¹⁶

- Pedidos de compra de bibliografias;
- Solicitação de usuários via *site* da BCE;
- Atualização de acervo;
- Reposição de acervo - desaparecidos

5.2.5.2 Doações

Doações solicitadas pela biblioteca¹⁷

Doações de material que sejam de interesse para a biblioteca devem ser incentivadas, principalmente, de títulos não comercializados ou fora de catálogo.

¹⁶ Item mantido de acordo com o documento da instituição.

¹⁷ Conforme documento da instituição

Doações espontâneas

Materiais oferecidos à biblioteca por doação serão submetidos aos mesmos critérios de seleção descritos no item 3.1 e 4.1. O doador deverá ser informado, por meio do termo de doação, de que o material poderá ser ou não incorporado, de acordo com as normas internas de recebimento de doações.

As doações espontâneas de um número expressivo de itens deverão ser precedidas de listagem ou prévia seleção, a critério da biblioteca.

Deve-se evitar o recebimento de doações que possuam exigências adicionais para sua incorporação, salvo casos em que os itens doados façam parte dos critérios de seleção apontados no item 4.1, sendo que a decisão de corresponder a exigência fica a cargo da BCE e não do doador.

Critérios adicionais que devem ser observados para o recebimento de doações

- Falhas de coleção ou exemplares extraviados;
- Material existente, mas em quantidade insuficiente para a demanda apresentada;
- Obras raras ou especiais;
- Estado de conservação;
- No caso de coleção, analisar a relevância da coleção e do colecionador (vide item 4.1).

5.2.5.3 Compras

A compra de material bibliográfico fica centralizada na Biblioteca Central e segue as regras da Lei 8.666 / 93 e posteriores alterações.

A verba recebida pela BCE de acordo com o orçamento da Universidade e destinada à compra de material bibliográfico será disponibilizada às unidades acadêmicas em cotas resultantes do estudo de urgências e prioridades.

A assinatura de periódicos deve observar as seguintes etapas:

- Identificar comprovada importância na área;
- Ter-se a intenção de manter a assinatura por pelo menos quatro anos;
- Análise e aprovação pela comunidade a ser atendida;

- Justificativa de especialista da área de cobertura do título.

5.2.5.4 Permutas

Permuta é o processo de troca de publicações entre instituições. O critério é qualitativo, ou seja, a troca não obedece à proporcionalidade de um para um. O objetivo principal é colocar o livro onde será usado para que cumpra sua missão de difusão da informação.

Portanto, não há, necessariamente, a obrigação de equivalência de quantidades entre títulos enviados e títulos recebidos pela UnB. Mais importante é o estabelecimento de parcerias entre instituições que busquem otimizar os recursos públicos e melhor atender a seus usuários.

A permuta de periódicos publicados pela editora da UnB ou por departamentos realiza-se por meio da solicitação da instituição interessada.

A permuta de livros dá-se por encaminhamento a outras instituições públicas de ensino da lista dos títulos em duplicata na BCE.

5.2.6 Processos complementares

O processo complementar tem por objetivo tratar dos casos acordados de recebimento de itens.

5.2.6.1 Seleção Qualitativa¹⁸

Busca garantir a qualidade em relação à pertinência da obra incluída no acervo. Para cada tipo de material serão analisados os critérios básicos e específicos de seleção. A análise será realizada pelos bibliotecários da Divisão de Seleção e Compras juntamente com especialistas da área.

5.2.6.2 Seleção Quantitativa

¹⁸ Item alterado após proposta de critérios específicos.

Busca adequar a quantidade de exemplares à demanda real ou projetada. No caso de bibliografia básica e complementar, deve-se ter como parâmetro o estipulado pelo órgão de avaliação dos cursos, normalmente uma proporção entre número de exemplares por vagas autorizadas por curso por ano, almejando-se sempre a pontuação máxima. Para obras que não fazem parte de bibliografia básica ou complementar, deve-se basear na demanda real do item: empréstimos e reservas realizadas.

5.2.6.3 Substituições

Entende-se por substituição o processo de troca de um exemplar danificado por outro em melhores condições físicas. Neste caso, o exemplar em má condição física entra em processo de desfazimento (baixa para a retirada definitiva do acervo) e o exemplar em melhores condições, recebido por doação, é inserido no acervo como novo exemplar.

5.2.6.4 Reposições

Materiais roubados, mutilados, desaparecidos ou desgastados deverão ser repostos por um título idêntico ou similar, indicado pela Divisão de Seleção e Compras, que cubra o mesmo assunto e que esteja de acordo com os Critérios de Seleção da BCE/UnB.

5.2.6.5 Pagamento de multa¹⁹

Multas poderão ser pagas com livros. A indicação dos títulos entregues pelo usuário para saldar o débito junto à BCE é de responsabilidade da DSC, que observará os critérios básicos de seleção. Poder-se-á indicar livros com publicação esgotada e localizados em sebos, desde que em boas condições físicas.

5.2.7 Desfazimento²⁰

A baixa de material pertencente ao acervo da BCE depende de avaliação de comissão permanente específica, instituída pela Resolução da Diretoria da Biblioteca Central n.

¹⁹ Os itens 6.2, 6.3, 6.4 e 6.5 foram mantidos conforme documento próprio da biblioteca.

²⁰ Não foi alterado, permanece como no original.

01/2013. Porém, o trabalho de identificação dos itens a serem indicados para a avaliação desta comissão faz parte dos procedimentos da Divisão de Seleção e Compras.

Os procedimentos para baixa do acervo da BCE seguem as definições da Instrução Normativa BCE n. 02/2013.

Os critérios gerais a serem considerados nas avaliações para execução da baixa são: condição física, custo de restauração ou aquisição, uso, quantidade de exemplares e atualização do assunto, além da adequação do assunto à missão da instituição. Estes e outros critérios acessórios devem ser avaliados no contexto da coleção como um todo, sempre buscando definir o grau de importância de cada obra para a completude do acervo.

Coleções de pessoas ilustres, compradas ou recebidas por doação no período de formação inicial do acervo da BCE não estarão sujeitas ao processo de desfazimento. Apenas em casos excepcionais, devido à má condição física, os títulos poderão ser indicados para a baixa, caso o procedimento, devidamente justificado, seja autorizado pela Direção da BCE.

5.2.8 Descarte²¹

O material selecionado para descarte poderá ser doado, permutado ou eliminado, de acordo com sua origem. Caso seja um descarte proveniente de seleção do acervo, o descarte (ou material de baixa) deverá ser oferecido em doação e, o que desta forma não for utilizado, leiloado como material inservível.

O descarte proveniente da avaliação de material doado pela comunidade poderá ser permutado ou doado a outras instituições públicas ou que desenvolvam projetos de fim social.

5.2.9 Documentos correlatos

Os documentos correlatos devem ser constituídos pelos formulários de doação, compra, reposição e formulários de seleção e descarte.

5.2.10 Recursos²²

²¹ Sem alterações do original.

²² Conforme original.

Os recursos financeiros para compra de material bibliográfico são provenientes da Reitoria da UnB. Os recursos orçamentários existentes são para compra de material permanente, e subdivide-se em Recursos Próprios, oriundos da gestão da própria Universidade, e Recursos do Tesouro, encaminhado pelo MEC às Universidades brasileiras. O montante é definido anualmente.

Para contratação de serviços e assinaturas, a BCE deve negociar cada caso com o Decanato de Planejamento e Orçamento (DPO).

5.2.11 Atualização da política de seleção

A política de seleção deverá passar por reavaliação a cada dois anos e estar atenta a avaliação da coleção e ao estudo de usuários da instituição.

Finalizada a proposição, é importante lembrar que a BCE possui um documento de desenvolvimento de coleções e a proposta feita foi a de deixar o processo de seleção mais completo e abrangendo casos especiais como a da doação do Acervo Cassiano Nunes. Sendo assim, o documento feito pela BCE só necessitaria de alguns acréscimos e da formalização do documento de política de seleção que é um dos processos compreendidos no desenvolvimento de coleções. Para completude do processo, seria interessante que a instituição desenvolvesse as políticas de aquisição e de avaliação.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como base teórica autores que abordaram sobre o colecionismo e sobre o processo de desenvolvimento de coleções em bibliotecas. Colocou-se em perspectiva o caráter espontâneo característico das coleções formadas por indivíduos, sobretudo aquelas acumuladas no âmbito da bibliofilia, e o caráter sistemático e formal das coleções formadas por instituições, utilizando como objeto de análise, respectivamente, o acervo “Cassiano Nunes” e a sua incorporação pela BCE.

O colecionismo é um universo de significados que interfere na construção do indivíduo, ou seja, o colecionador atribui significado aos objetos colecionados e os objetos mudam a percepção do colecionador sobre o mundo. Algumas coleções podem começar sem nenhuma intenção, mas, conforme vão crescendo, o colecionador se especializa no objeto colecionado; ele pesquisa, busca e investe no seu desejo de ter mais, de possuir e manter os objetos por ele almejados.

A prática do colecionismo é secular e existe em diferentes culturas. No colecionismo, as práticas “artesanal” de selecionar, organizar, selecionar, agrupar e guardar, segundo categorias e procedimentos particulares do colecionador, encontram certas similitudes aos processos técnicos e sistemáticos de desenvolvimento de coleções que ocorrem nas bibliotecas institucionalizadas, orientados por saberes biblioteconômicos. Diferentemente destas coleções sistemáticas e institucionalizadas, a seleção e a aquisição de itens para o colecionador ocorrem de forma apaixonada e direcionada por uma simbologia particular.

Dentro da perspectiva biblioteconômica, as coleções nas bibliotecas se constituem mediante parâmetros técnicos pré-definidos. O desenvolvimento de acervo é parte fundamental da biblioteca. Consiste, de modo geral, em metodologias e procedimentos para o planejamento do acervo com a preocupação em manter a sua qualidade, sem perder o foco na missão e objetivos da instituição, bem como no perfil e interesse da comunidade usuária para o qual a coleção se destina.

Priorizar o caráter qualitativo dos itens da coleção e quantitativo, no que se refere, por exemplo, ao tamanho da coleção, são algumas das funções do desenvolvimento de coleções como processo ininterrupto que permite a consistência do acervo. Desta forma, a coleção é produto do planejamento. A tomada de decisões interfere não somente no acervo, mas também na comunidade usuária, por isso, os profissionais responsáveis pelo desenvolvimento de coleções devem estar atentos às demandas informacionais dos usuários e ser flexível para atendê-las.

A BCE como biblioteca universitária incentiva a prática de ensino, pesquisa e extensão, portanto, seu acervo é baseado em materiais que atendam a este tipo de demanda. O desenvolvimento de acervo da BCE tem processos e critérios que cumprem este papel. O empenho em permitir o acesso à informação e ao conhecimento ressalta sua importância para a comunidade acadêmica da UnB, não somente pelos serviços oferecidos, mas também pela preocupação com a qualidade de seu acervo.

Comparando a missão da BCE e a proposta do “Espaço Cassiano Nunes” é possível observar que a incorporação do acervo Cassiano Nunes cumpre com o papel da biblioteca universitária de atender as demandas da comunidade acadêmica. Porém, a forma pela qual este acervo advindo do colecionismo foi incorporado, tratado e organizado pela BCE revela que a biblioteca não estava preparada para receber esse tipo de coleção. Faltaram diretrizes para que a instituição soubesse lidar com o processo e dar continuidade à memória do colecionador.

Depois da análise da literatura da área foi observado que as bibliotecas em seu processo de desenvolvimento de coleções, de modo geral, não vêm se preocupando com os casos de coleções iniciadas no colecionismo. Este aspecto na Biblioteconomia ainda carece de muitos debates e pesquisas para que se chegue a uma conclusão sobre este processo de institucionalizar coleções acumuladas espontaneamente.

Pode-se observar que este tipo de caso não é algo comum na rotina da biblioteca. Na BCE, a instituição tentou se adequar ao cenário de institucionalizar a coleção de Cassiano Nunes. Mesmo sem diretrizes para o recebimento desta coleção houve a preocupação de tratá-la como uma coleção especial e de entender que sua incorporação traria benefícios para a coleção existente, sobremaneira por compreender obras de todas as áreas do conhecimento, auxiliando, assim, na missão da BCE relacionada à busca do conhecimento científico.

O presente trabalho trouxe uma proposta de política de seleção para a BCE que pudesse levar em consideração as coleções advindas do colecionismo, procurando estabelecer critérios específicos de seleção para tomada de decisão durante o processo, bem como delimitar diretrizes para tratar dessas coleções. Dessa forma, a proposta buscou contemplar questões caras ao colecionismo, como carga simbólica, memória e contexto, mas com um olhar biblioteconômico. Teve-se, portanto, a preocupação trazer para BCE subsídios para futuras incorporações de acervos advindos do colecionismo de modo a considerar a relevância não apenas dos itens do acervo em si, mas também considerar a carga informativa presente na memória, no contexto e na dimensão simbólica da coleção incorporada pela biblioteca.

Levando em consideração a memória do colecionador e o contexto da coleção, a proposta leva em conta a figura do colecionador e sua representatividade no universo acadêmico. Dessa maneira, a coleção encontra respaldo dentro da proposta não só nos critérios específicos, mas também nos processos de desfazimento e descarte que resguardam as coleções advindas do colecionismo que foram incorporadas ao acervo da BCE.

Cabe ainda ressaltar que os parâmetros para desfazimento e descarte cuidam do contexto da coleção, porém, é necessário ainda que a BCE estabeleça normas com relação à organização e armazenamento da coleção no acervo, para que a coleção não venha a ser desmembrada dentro do próprio acervo da instituição. Não aceitar condições especiais para a doação reafirma o poder de decisão do bibliotecário e da instituição em si, porém, o item 5.2.5.2 prevê os casos excepcionais, onde o bibliotecário analisará a relevância da condição vinculada à doação com base nos critérios específicos e no documento da política em sua integridade.

Espera-se que possa abrir caminho para futuros estudos sobre a atividade do colecionismo e, em especial, sobre o colecionismo bibliográfico, sobre os procedimentos acerca da institucionalização de coleções advindas do colecionismo e sobre as implicações envolvidas nesse processo, levando em conta as diretrizes básicas de planejamento para o desenvolvimento de coleções das bibliotecas e a preocupação em definir critérios específicos de seleção que resguardem o contexto, a memória e a carga simbólica atribuída pelo colecionador como aspectos informativos de valor social.

Referências

- BIBLIOTECA CENTRAL DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. **Sobre a BCE: missão** [website]. Brasília: UnB, [2014]. Disponível em: <http://www.bce.unb.br/sobre-a-bce/>. Acesso em: 20 jun. 2015.
- _____. **Acervo** [website]. Brasília: UnB, [2015a]. Disponível em <<http://www.bce.unb.br/acervo/>>. Acesso em: 20 jun. 2015.
- _____. **Espaço Cassiano Nunes: letras e arte na BCE**. Brasília: UnB, [20--?]. Folder.
- _____. **Política de desenvolvimento de acervo da Universidade de Brasília - UnB: (minuta_revisão nº9)**. Brasília: UnB, [2015b]. 10 p.
- _____. **Contatos** [website]. Brasília: UnB, [2015c]. Disponível em <<http://www.bce.unb.br/contatos-biblioteca-central/>>. Acesso em: 20 jun. 2015.
- _____. **Relatório do acervo Cassiano Nunes**. Brasília: UnB, [2015d]. 889 p.
- BLOM, Philipp. **Ter e manter: uma história íntima de colecionadores e coleções**. Rio de Janeiro: Record, 2003. 304 p.
- BRAGANÇA, Aníbal et al. **O Consumidor de livros de segunda mão: perfil do cliente dos sebos**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005.
- CASTRO, César Augusto. Biblioteca como lugar de memória e eco de conhecimento: um olhar sobre “O Nome da Rosa”. **Revista Digital de Biblioteconomia & Ciência da Informação**, Campinas, v. 4, n. esp., p. 1-20, 2006.
- CAVEDON, N. R.; CASTILHOS, R. B.; BIASOTTO, L. D.; CABALLERO, I.N.; STEFANOWSKI, F. L. Consumo, colecionismo e identidade dos bibliófilos: uma etnografia em dois sebos de Porto Alegre. **Horizontes Antropológicos**, v. 13, n. 28. Porto Alegre, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-71832007000200014&script=sci_arttext> Acesso em: 15 jun. 2015.
- CLARA, Isabel Santa. Coleções. **Episteme**, Porto Alegre, v. 1, n. 20, p. 167 - 171. jan./jun. 2005.
- CORALIS, Patrícia. O ato de colecionar como construção identitária: globalização, consumo e emoção nas coleções de fãs. In: ENCONTRO ACIONAL DE ESTUDOS DO CONSUMO, 6., 2012, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Enec, 2012. p. 1 - 21. Disponível em: <http://www.estudosdoconsumo.com.br/artigosdoenec/ENEC2012-GT04-Coralis-O_ato_de_colecionar_como_construcao_identitaria.pdf>. Acesso em: 11 jul. 2015.
- DIAS, João José Alves. Bibliófilo. In: _____. **Iniciação à Bibliofilia**. [S.l.]: Pró-Associação Portuguesa de Alfarrabistas, 1994. 2ª Feira do Livro Antigo, MCMXCIV. Disponível em: <<http://bibliomanias.no.sapo.pt/bibliofilos.htm>>. Acesso em: nov. 2014.
- DIÓGENES, Fabiene Castelo Branco. **Indicadores múltiplos para avaliação e gestão de coleções na Biblioteca Central da Universidade de Brasília**. 1989. 214 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade de Brasília, Departamento de Biblioteconomia, Brasília, 1989.
- ESPÍRITO SANTO, S. M. do. **O colecionador público documentalista: Museu Histórico e de Ordem geral "Plínio Travassos dos Santos" de Ribeirão Preto**. 2009. 206 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2009.

FARINA, Milton Carlos; TOLEDO, Geraldo Luciano; CÔRREA, Gisleine B. F. Colecionismo: uma perspectiva abrangente sobre o comportamento do consumidor. In: SEMEAD, 9., 2006, São Paulo., **Anais...** São Paulo: Universidade de São Paulo, [20--?]. Disponível em: http://www.ead.fea.usp.br/Semead/9semead/resultado_semead/trabalhosPDF/320.pdf >. Acesso em 14 jun. 2015

FIGUEIREDO, Nice M. Desenvolvimento e avaliação de coleções. In: _____. **Metodologias para a promoção do uso da informação**: técnicas aplicadas especialmente em bibliotecas universitárias e especializadas. São Paulo: Nobel; APB, 1990. p.31-44. Disponível em: <<http://bibliotextos.files.wordpress.com/2012/03/metodologias-para-promoc3a7c3a3o-do-uso-da-informac3a7c3a3o.pdf>>. Acesso em: 30 jun. 2015.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. **Avaliação de coleções e estudo de usuários**. Brasília: Associação dos Bibliotecários do Distrito Federal, 1979. 96 p.

FONSECA, Paulo. Considerações de um colecionador. **Episteme**, Porto Alegre, v. 1, n. 20, p. 181-184. jan./jun. 2005.

GARSCHAGEN, Bruno. Raras edições, poucos leitores, uma confraria. **Entre Livros**, São Paulo, n.4, ago. 2005. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/entrelivros/reportagens/raras_edicees_poucos_leitores_uma_confraria_imprim.html>. Acesso em: 16 jun. 2015.

HALBWACHS, M. **A Memória coletiva**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1990.

JANEIRA, Isabel Maria. As minhas coleções. **Episteme**, Porto Alegre, v. 1, n. 20, p. 175-180. jan./jun. 2005.

LAROUSSE, Pierre. **Grand dictionnaire universel du XI^e siècle**: français, historique, géographique, mytologique, bibliographique, littéraire, artistique, scientifique, etc. [S.l. :s.n], 1866.

LEITE, Rita da Silva; PAIVA, Eliane Bezerra. Cooperação/compartilhamento de recursos informacionais: desvendando eixos mobilizadores do desenvolvimento das coleções. **Biblionline**, João Pessoa, v. 2, n. 1, jan./jun. 2006. Disponível em: Acesso em: 28 jun. 2015

LIMA, Regina Célia Montenegro; FIGUEIREDO, Nice. Seleção e aquisição: da visão clássica à moderna aplicação de técnicas bibliométricas. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 13, n. 2, p. 137-150, jul./dez. 1984. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/view/1446>>. Acesso em: 28 jun. 2015.

IMA, Vanessa Ribeiro. **Fundamentos e andamentos**: uma reflexão sobre as bibliotecas a partir da formação de coleções de livros. 2007. 136 f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Biblioteconomia) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2007.

MENEGAT, Rualdo. A Epistemologia e o espírito do colecionismo. **Episteme**, Porto Alegre, v. 1, n. 20, p. 5 - 12. jan./jun. 2005.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 89-104, 1998.

MIRANDA, Ana Cláudia Carvalho de. Desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias. **Revista Digital de Biblioteconomia & Ciência da Informação**, Campinas, v. 4, n. 2, p. 1-19, jan./jun. 2007.

MORAES, Rubens Borba de. **O bibliófilo aprendiz**. 4. ed. Brasília: Briquet De Lemos, 2005. 207 p.

MURGUIA, Eduardo Ismael. O colecionismo bibliográfico: uma abordagem do livro para além da informação. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, v. 14, n. esp., p. 87-104, 2009. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000006810&dd1=84200>>. Acesso em: 08 nov. 2014.

NUNES, Cassiano. [Diário pessoal]. [S.l.:s.n.], [19--?].

NUNES, S.M.; SANTOS, L. S. Políticas de informação e aprendizagem organizacional: desafios para a implantação de novas tecnologias em bibliotecas universitárias. **Comun. Inf.** Goiânia. v. 10, n.1, p. 73 - 81, jan/jun. 2007. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/ci/article/view/10311>>. Acesso em: 07 nov. 2014.

OLIVEIRA, Andréia Machado; SIEGMANN, Christiane; COELHO, Débora. As coleções como duração: O colecionador coleciona o quê? **Episteme**, Porto Alegre, v. 1, n. 20, p. 111 - 119. jan./jun. 2005.

PEARCE, S. M. **Museums, objects and collections: a cultural study**. Washington: Smithsonian Institution Press, 1992.

PEDRÃO, Gabriela Bazan. **Por que colecionar?** Um estudo sobre coleções e colecionismo dentro das bibliotecas pessoais. 2010. 39f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências da Informação e Documentação) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo. 2010.

PEDROCHI, Mara Angelica.; MURGUIA, Eduardo Ismael. O devir de uma coleção: a institucionalização do Museu “Eduardo André Matarazzo” de armas, veículos e máquinas. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 8., 2007, Salvador. **Anais...** Salvador: UFBA, 2007. Disponível em: <<http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/viiienancib/paper/viewFile/2966/2092>>. Acesso em: 31 maio. 2015.

PEREIRA, Pilar. Coleção versus biblioteca? **Episteme**, Porto Alegre, v. 1, n. 20, p. 172 - 174. jan./jun. 2005.

PERGAMUM. **Informações gerais** [website]. [S.l.:s.n.], [2014]. Disponível em: <http://www.pergamum.pucpr.br/redepergamum/pergamum_index.php>. Acesso em: 30 jun. 2015.

PERRONE, Maria Cláudia; ENGELMAN, Selda. O Colecionador de memórias. **Episteme**, Porto Alegre, v. 1, n. 20, p. 83 - 92. jan./jun. 2005.

POMIAN, K. Coleção. In: ROMANO, R. **Enciclopédia Einaudi: Memória/História**. Lisboa: Imprensa Casa da Moeda, 1984. v.1; p.51-85.

RIBEIRO, Sara Mesquita. **Bibliofilia: a busca por obras raras na atualidade**. Brasília, 2011. 60 f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Biblioteconomia) – Universidade de Brasília, Faculdade de Ciência da Informação, Brasília, 2011.

SÁ, Heloísa Martins Camboim de. **Bibliofilia** : bibliófilos e sua contribuição na preservação de obras raras. 2014. 44 f., il. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Biblioteconomia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

SANTO, Admeire Silva; BIZELLO, Maria Leandra. A Influência do colecionismo na representação da memória social: relações práticas e teóricas e suas contribuições para o desenvolvimento da sociedade. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 14., Santa Catarina, 2013. **Anais...**, Santa Catarina: UFSC, 2013. Disponível em:

<<http://enancib2013.ufsc.br/index.php/enancib2013/XIVenancib/paper/viewFile/269/404>> Acesso em: 24 jun. 2015.

SANTO, Silvia Maria Espirito. Alguns elementos do problema entre colecionismo e contexto cultural. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 11., Rio de Janeiro. **Anais...**, p. 1-19. Rio de Janeiro: ANCIB, 2010. Disponível em: <<http://repositorios.questoesemrede.uff.br/repositorios/bitstream/handle/123456789/852/Alguns%20elementos%20-%20Esp%C3%ADrito%20Santo.pdf?sequence=1>> Acesso em: 24 jun. 2015.

SARACEVIC, T. Ciência da informação: origem, evolução e relações. **Persp. Ci. Inf.**, Belo Horizonte, v.1, n.1, p.41-62, jan./jun. 1996.

SCHMIDT, Maria Luisa Sandoval; MAHFOUD, Miguel. Halbwachs: memória coletiva e experiência. **Psicologia USP**, v. 4, n. 1-2, p. 285-298, jan. 1993.

VERGUEIRO, Waldomiro de Castro Santos. Desenvolvimento de coleções: uma nova visão para o planejamento de recursos informacionais. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 22, n. 1, p. 13-21, jan./abr. 1993.

VERGUEIRO, Waldomiro. **Desenvolvimento de coleções**. 1989. 95 p. (Coleção palavra-chave; 1)

VERGUEIRO, Waldomiro. **Seleção de materiais de informação**. 2010. 120 p

WEITZEL, Simone da Rocha. O desenvolvimento de coleções e a organização do conhecimento: suas origens e desafios. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 7, n. 1, p. 61-67, jan./jun. 2002.

WEITZEL, Simone da Rocha. **Elaboração de uma política de desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias**. Rio de Janeiro: Interciência, 2013. 109 p.

APÊNDICES

APÊNDICE A:

Instrumento da entrevista semiestruturada



Universidade de Brasília – UnB

Faculdade Ciência da Informação – FCI

Entrevista semiestruturada

1. Qual foi a motivação do Cassiano para possuir uma coleção bibliográfica?
2. Com que idade ele começou a colecionar livros?
3. Como ele escolhia os itens para a coleção?
4. Como era feita a organização da coleção?
5. Para ele os livros eram apenas objetos colecionáveis ou existia uma relação de amor aos livros como mais do que objetos?
6. Ainda em vida, em algum momento Cassiano pensou em desistir da sua coleção ou em passar a coleção adiante por meio de venda ou doação?
7. Antes de sua morte ele havia manifestado o desejo de que sua coleção fosse doada para a BCE? Se sim, existe algum documento deixado por ele com esse pedido?
8. Por que a BCE foi escolhida para receber a coleção?
9. Os livros passaram por algum filtro de seleção?
10. Quem cuidou do processo de incorporação da coleção ao acervo?
11. Por que a coleção foi colocada em um espaço à parte?
12. Quantas obras existem na coleção?
13. Quais os tipos de objetos da coleção?
14. Quais são as obras de maior valor (comercial ou sentimental) para o Cassiano?
15. Atualmente quem é o responsável por fazer a manutenção da coleção?
16. Todos os itens doados foram incorporados ou houve descarte de algum tipo de material? Se houve qual foi o motivo para o descarte.
17. A organização deixada por Cassiano foi mantida ou a coleção foi organizada segundo os critérios da BCE?

APÊNDICE B:

Transcrição da entrevista

Transcrição da entrevista

Entrevistadora – Boa tarde. Primeiramente gostaria de agradecer por me receber e por disponibilizar do seu tempo para responder algumas perguntas.

Entrevistada – Não tem de que, querida. É um prazer.

Entrevistadora - Então vamos para a primeira questão. Qual foi a motivação do Cassiano para possuir uma coleção bibliográfica?

Entrevistada – Cassiano tinha um desejo do diálogo com a literatura... desejo de comunicação, a forma dele de comunicação com o mundo era através da literatura.... Acredito que era isso mesmo, o gosto pela literatura, sabe? Ele amava muito.

Entrevistadora – A literatura era algo que ele gostava desde pequeno?

Entrevistada – Ah era. Desde menino Cassiano gostava muito de ler. Ele até anotou isso... quer ver... (nesse momento a entrevistada levanta e se direciona a um armário de onde pega vários cadernos)

Entrevistadora – Esses cadernos contêm anotações pessoais do Cassiano?

Entrevistada – Sim, guardo todos com muito carinho, existem vários escritos do Cassiano nesses cadernos... Olha aqui o que te falei... (aponta para um trecho do diário e começa a ler) “Na minha casa, havia apenas dois livros e ambos editados em Portugal. O primeiro era uma antologia de poemas, organizada por Albino Forjaz de Sampaio [...], seu título era “O livro das cortezãs”. Li-o com toda atenção. O outro compilava as cartas políticas do Ministro João Franco à sua Majestade El Rei D. Carlos I e não a li por falta de interesse.” ... Está vendo? Desde pequeno ele já possuía um inclinação para a literatura.

Entrevistadora - Com que idade ele começou a colecionar livros?

Entrevistada – Foi aos 7 anos quando ganhou de seus pais o seu primeiro livro “*Reinações de Narizinho*” com autoria de Monteiro Lobato. Aos 11 passou a frequentar os escritórios da Tribuna de Santos lendo tudo o que era possível... nessa época passou também a visitar livrarias.

Entrevistadora - Como ele escolhia os itens para a coleção?

Entrevistada - A biblioteca do Cassiano era formada a partir do gosto pela literatura... principalmente os livros que eram primeira edição, esses ele gostava bastante... alguns ele ganhava dos amigos, mas a maioria ele comprou... cada livro que comprava ele anotava

Entrevistadora - E como era feita a organização da coleção?

Entrevistada - Era separada por autores e pelo gosto pessoal do Cassiano, algumas vezes ele organizava pelo tema, poesia era o tema preferido.... Não me lembro de outro modo que ele organizava... Uma vez eu ofereci para ele chamar alguém da biblioteca para organizar, mas ele não aceitava ajuda de fora, tinha que ser do jeito dele, qualquer livro ele sabia exatamente onde estava.

Entrevistadora - Para ele os livros eram apenas objetos colecionáveis ou existia uma relação de amor aos livros como mais do que objetos?

Entrevistada - Para ele os livros eram a tradução dos diálogos dele com a literatura, o que o fazia colecionar era o amor aos livros, a literatura e o universo.

Entrevistadora - Ainda em vida, em algum momento Cassiano pensou em desistir da sua coleção ou em passar a coleção adiante por meio de venda ou doação?

Entrevistada - Jamais, até seu último mês de vida continuava lendo e escrevendo, morreu lúcido e nunca quis se desfazer de nenhum item, 6 meses antes de seu falecimento ainda tinha projetos para continuar adquirindo livros e conhecimentos através da literatura.

Entrevistadora - Antes de sua morte ele havia manifestado o desejo de que sua coleção fosse doada para a BCE? Se sim, existe algum documento deixado por ele com esse pedido?

Entrevistada - Não havia um desejo, mas em um momento de necessidade cogitou vender para a UnB contanto que pudesse continuar a frequentar o espaço onde sua coleção estivesse... Cassiano imaginava que doar a biblioteca particular dele para a UnB significava dar

continuidade as suas lições para a comunidade acadêmica, para a Universidade excelência como centro de ensino superior.

Entrevistadora - Por que a BCE foi escolhida para receber a coleção?

Entrevistada - A doação foi feita para a UnB em princípio, a UnB enviou para a BCE porque é natural que os livros sejam tratados na BCE... Em 1999 na gestão do Reitor Mohry foi aprovada a criação e permanência de um arquivo e museu de literatura brasileira nas dependências da BCE... isso deve ter contribuído para que a UnB colocasse a coleção do Cassiano na biblioteca.

Entrevistadora – E o que aconteceu com esse arquivo museu?

Entrevistada – Não sei te dizer ao certo, mas acredito que o projeto não foi para frente.

Entrevistadora – Os livros passaram por algum filtro de seleção?

Entrevistada – Não. Todos os livros vieram para a BCE.

Entrevistadora - Quem cuidou do processo de incorporação da coleção ao acervo?

Entrevistada – Foi a própria UnB e a direção da BCE.

Entrevistadora - Por que a coleção foi colocada em um espaço à parte?

Entrevistada – O Espaço Cassiano Nunes é um razão social... uma biblioteca, é um acervo literário, artístico e museu. É uma coleção especial dentro da BCE, recebeu um lugar especial por razões metodológicas e por critério de processamento técnico da BCE

Entrevistadora - Quantas obras existem na coleção?

Entrevistada – Aproximadamente 17.000 volumes.

Entrevistadora – E todos já receberam tratamento técnico?

Entrevistada – Não, eu acredito que 14.000 já receberam, mas o restante não... Venha aqui atrás comigo para você ver (a entrevistada levante e se dirige aos fundos do acervo onde estão vários livros)... Está vendo (aponta para os livros dispostos aleatoriamente nas estantes)?

Esses livros todos ainda não passaram pela higienização e conseqüentemente não foram catalogados (começa a retornar para a mesa onde estava acontecendo a entrevista)

Entrevistadora – Todos esses livros precisam ser higienizados antes? Quem faz esse procedimento?

Entrevistada – A higienização é feita pelo pessoal da restauração, a catalogação está sem ninguém no momento.

Entrevistadora - Quais os tipos de objetos da coleção?

Entrevistada – Tem todo o tipo... como é um acervo literário e museu, além dos livros da biblioteca particular de Cassiano temos aqui a máquina de escrever que ele usava, os óculos, fitas cassete, jornais, livros da autoria de Cassiano, fotos pessoais, diário pessoal e outras coisas.

Entrevistadora - Quais são as obras de maior valor (comercial ou sentimental) para o Cassiano?

Entrevistada – Para ele o valor da coleção era sentimental (risos)... ele nunca me falou se tinha um preferido, mas sei que ele gostava muito dos de poesia.

Entrevistadora - Atualmente quem é o responsável por fazer a manutenção da coleção?

Entrevistada – A direção da BCE em sua complexidade institucional.

Entrevistadora - Todos os itens doados foram incorporados ou houve descarte de algum tipo de material? Se houve qual foi o motivo para o descarte.

Entrevistada - Não, querida. Todos os itens da coleção vieram para cá.

Entrevistadora - A organização deixada por Cassiano foi mantida ou a coleção foi organizada segundo os critérios da BCE?

Entrevistada – Cassiano tinha livro em todas as partes da casa, até na cozinha (risos). Quando a BCE começou o processamento técnico a coleção foi organizada de acordo com os critérios da BCE... pode olhar nas etiquetas dos livros (aponta para os livros atrás dela)... dá para ver que houve organização de acordo com os parâmetros da biblioteca

Entrevistadora – Estamos quase acabando, me surgiu uma dúvida, a família do Cassiano que autorizou a coleção a vir para a UnB?

Entrevistada – Exatamente, os herdeiros do Cassiano assinaram um documento de autorização permitindo que a coleção fosse retirada da casa dele e posta aqui.

Entrevistadora – Muito obrigada pela entrevista, Maju.

Entrevistada – Não tem de que. Precisando pode voltar que te ajudo no que puder.

ANEXOS

ANEXO I

Política de desenvolvimento de acervo da BCE

Política de Desenvolvimento de Acervo da
Universidade de Brasília - UnB

(MINUTA_REVISÃO N°9)

Brasília

2015

Sumário

Apresentação

1 A instituição e suas responsabilidades

1.1 A responsabilidade da BCE

1.2 Responsabilidade do Serviço de Desenvolvimento de Coleções

1.3 Responsabilidade da Divisão de Seleção e Compras

2 Formação do Acervo

2.1 Coleção depositária

2.2 Categorias do Acervo

2.3 Fontes

2.4 Formas de Aquisição

3 Avaliação do Acervo

4 Seleção

4.1 Comissão de Seleção

4.2 Critérios Básicos de Seleção

4.3 Seleção Qualitativa

4.4 Seleção Quantitativa

4.5 Substituição

4.6 Reposições

4.7 Pagamento de Multa

5 Aquisição

5.1 Prioridades

5.2 Doações

5.2.1 Doações Solicitadas pela BCE

5.2.2 Doações Espontâneas

5.3 Compras

5.4 Permutas

6 Processo de Desfazimento

7 Descarte

8 Recursos

9 Atualização da PDC

Referências

APRESENTAÇÃO

O presente documento visa orientar e padronizar as decisões sobre o que deve ser adquirido ou mantido no acervo, dentro das disponibilidades de recursos financeiros e de espaço físico, assim como em relação à demanda e avaliação do acervo já existente, visando às atividades de ensino, pesquisa e extensão desenvolvidas pela Universidade de Brasília.

1 A INSTITUIÇÃO E SUAS RESPONSABILIDADES

A Biblioteca Central da Universidade de Brasília (BCE) trabalha em regime de centralização das políticas, do acervo e dos processos técnicos.

1.1 Responsabilidade da BCE

1.1.1 Provimento de informações necessárias ao desenvolvimento das atividades fim da Universidade;

1.1.2 Elaboração e manutenção de sua própria política de desenvolvimento de acervo;

1.1.3 Coordenação, administração e divulgação de seus recursos informacionais.

1.2 Responsabilidade do Serviço de Desenvolvimento de Coleções

1.2.1 Elaborar, coordenar e implantar a Política de Desenvolvimento de Coleções da BCE, bem como realizar sua reavaliação periódica;

1.2.2 Propor metodologias e ações para o controle patrimonial e inventário de acervos.

1.3 Responsabilidade da Divisão de Seleção e Compras

1.3.1 Elaborar a política de seleção da biblioteca;

1.3.2 Orientar os processos de aquisição;

1.3.3 Executar os processos de avaliação e desbastamento do acervo da BCE, segundo critérios preestabelecidos;

1.3.4 Receber as doações feitas à BCE por pessoas jurídicas e físicas;

1.3.5 Oferecer por doação ou permuta as obras recebidas por doação e que após avaliação não se mostraram interessantes para inclusão no acervo.

2 FORMAÇÃO DO ACERVO

O acervo deverá conter material bibliográfico, de todas as áreas do conhecimento, necessário ao desenvolvimento das atividades de ensino, pesquisa e extensão da Universidade de Brasília, independentemente do suporte físico. Deverá haver também a preocupação em resguardar material que resgate a história da instituição, incluindo relatórios (documentos oficiais) e produção intelectual.

A formação do acervo terá por objetivo o crescimento equilibrado, em abrangência e profundidade, em cada área do conhecimento. Para tanto, os estudos de usuários e as análises de relatórios referentes ao acervo são indicados.

2.1 Coleção Depositária – Reserva Institucional

A coleta e a armazenagem da produção intelectual da Universidade de Brasília está regulamentada pelo Ato da Reitoria n.267/87, o qual estabelece o “envio obrigatório de, no mínimo, dois exemplares de toda publicação produzida e/ou editada na Universidade de Brasília para o acervo da Coleção Depositária na Biblioteca Central”.

Um exemplar ficará no OAE e o segundo exemplar ficará no Acervo Geral da BCE (AGE). Caso tenha-se acesso a mais exemplares, estes serão alocados, como Reserva Técnica, no setor de Intercâmbio, até a quantidade de três exemplares.

No caso de teses e dissertações, a partir de 23 de março de 2015, a BCE passará a receber apenas o formato digital para publicação no Repositório Institucional e não mais o formato impresso.

2.2 Categorias de acervo

Os assuntos que compõem o acervo da BCE deverão ser selecionados e adquiridos, conforme demanda das disciplinas de graduação, pós-graduação, especialização, pesquisa e extensão, de acordo com as seguintes categorias:

- Referência: composta por dicionários, enciclopédias, guias, índices e outros que devem ser atualizados periodicamente. Trata-se de recurso destinado a habilitar usuários no uso e aplicação das fontes de informação.
- Básica ou lastro: obras fundamentais e consagradas que constituem o núcleo de interesse de cada área. Fundamental para apoiar as atividades de pesquisa.
- Didática: obras indicadas pelos professores como leitura obrigatória ou complementar em suas disciplinas.
- Literatura corrente: coleção de livros, periódicos e outros materiais que atualizam a coleção, sempre na vigência dos últimos dois anos.

2.3 Fontes

Devem ser usadas como fontes de sugestões:

- a) plano de curso das disciplinas;
- b) catálogos distribuído por editoras e livrarias;
- c) bibliografia indicada por professores e coordenadores de curso;
- d) *sites* de editoras e livrarias
- e) sugestão de usuários.

2.4 Formas de aquisição

A biblioteca deve observar diferentes formas de obtenção de acervo informacional as quais possam ser economicamente vantajosas para a UnB, incrementando a comutação, a permuta e o recebimento de doação, além do processo de compra.

3 AVALIAÇÃO DO ACERVO

Processo cujo objetivo é possibilitar a definição de diretrizes em relação à aquisição, disponibilidade e descarte dos itens da coleção.

As coleções deverão ser avaliadas continuamente, num processo ininterrupto, devido à dimensão do acervo.

Buscar-se-á detectar as lacunas, duplicações, obsolescência e desgaste físico.

Ferramentas utilizadas no processo de avaliação do acervo:

- relatórios sobre distribuição percentual por área
- relatórios sobre circulação: quantidade de empréstimos e de reservas,
- estudos de usuários: detecção de necessidades em geral e tipo de comportamento que possam influenciar no uso da biblioteca,
- análise das bibliografias básicas e complementares.

4 SELEÇÃO

Os bibliotecários encarregados da seleção deverão promover o equilíbrio e a consistência da coleção por possuírem conhecimento global do acervo, da comunidade a que servem e dos instrumentos apropriados a esta finalidade.

4.1 Comissão de Seleção

A seleção, desenvolvimento e manutenção da coleção é de responsabilidade consensual da equipe de bibliotecários da Divisão de Seleção e Compras (DSC) e da Comissão de Seleção, em caráter consultivo, quando for julgado necessário.

A Comissão de Seleção será composta por um bibliotecário representante de cada um dos seguintes setores: Desenvolvimento de Coleções, Referência, Obras Raras, Processos Técnicos e Coleções Especiais. Pode-se, em casos especiais, solicitar também auxílio a especialistas da área.

4.2 Critérios básicos de seleção

Critérios básicos de seleção devem ser definidos para direcionar de modo racional a aquisição e a incorporação de material bibliográfico, priorizando os assuntos relacionados ao currículo acadêmico e linhas de pesquisa da UnB.

Serão utilizados os seguintes critérios:

- qualidade do conteúdo em relação à consistência do assunto;

- adequação do conteúdo ao currículo acadêmico e às linhas de pesquisa desenvolvidas na Instituição;
- demanda;
- quantidade de exemplares necessários em relação ao número de vagas por disciplina, de acordo com os critérios de avaliação do MEC;
- atualidade da obra;
- acessibilidade do idioma;
- custo justificável;
- valor efêmero ou permanente;
- autoridade do autor ou corpo editorial;
- áreas de abrangência do assunto;
- qualidade visual e auditiva de materiais especiais;
- conveniência do formato e compatibilização com equipamentos existentes;
- relevância histórica
- condições físicas da obra
- complementação do assunto na coleção existente;
- disponibilidade em outras bibliotecas, bases ou sites;

4.3 Seleção Qualitativa

Busca garantir a qualidade em relação à pertinência da obra incluída no acervo. Para cada tipo de material serão definidos critérios específicos de seleção, pelos bibliotecários da Divisão de Seleção e Compras juntamente com especialistas da área.

4.4 Seleção Quantitativa

Busca adequar a quantidade de exemplares à demanda real ou projetada. No caso de bibliografia básica e complementar, deve-se ter como parâmetro o estipulado pelo órgão de avaliação dos cursos, normalmente uma proporção entre número de exemplares por vagas autorizadas por curso por ano, almejando-se sempre a pontuação máxima. Para obras que não fazem parte de bibliografia básica ou complementar, deve-se basear na demanda real do item: empréstimos e reservas realizadas.

4.5 Substituição

Entende-se por substituição o processo de troca de um exemplar danificado por outro em melhores condições físicas. Neste caso, o exemplar em má condição física entra em processo de desfazimento (baixa para a retirada definitiva do acervo) e o exemplar em melhores condições, recebido por doação, é inserido no acervo como novo exemplar.

4.6 Reposições

Materiais roubados, mutilados, desaparecidos ou desgastados deverão ser repostos por um título idêntico ou similar, indicado pela Divisão de Seleção e Compras, que cubra o mesmo assunto e que esteja de acordo com os Critérios de Seleção da BCE/UnB.

4.7 Pagamento de multa

Multas poderão ser pagas com livros. A indicação dos títulos entregues pelo usuário para saldar o débito junto à BCE é de responsabilidade da DSC, que observará os critérios básicos de seleção. Poder-se-á indicar livros com publicação esgotada e localizados em sebos, desde que em boas condições físicas.

5 AQUISIÇÃO

Processo de agregação de material bibliográfico por meio de compra, doação ou permuta, as quais devem seguir determinações da legislação vigente no âmbito da administração pública.

5.1 Prioridades para aquisição

- Pedidos de compra de bibliografias;
- Solicitação de usuários via site da BCE;
- Atualização de acervo;
- Reposição de acervo - desaparecidos

5.2 Doações

5.2.1 Doações solicitadas pela biblioteca

Doações de material que sejam de interesse para a biblioteca devem ser incentivadas, principalmente, de títulos não comercializados ou fora de catálogo.

5.1.2 Doações Espontâneas

Materiais oferecidos à biblioteca por doação serão submetidos aos mesmos critérios de seleção descritos no item 4.2. O doador deverá ser informado, por meio do termo de doação, de que o material poderá ser ou não incorporado, de acordo com as normas internas de recebimento de doações.

As doações espontâneas de um número expressivo de itens deverão ser precedidas de listagem ou prévia seleção, a critério da biblioteca.

Deve-se evitar o recebimento de doações que possuam exigências adicionais para sua incorporação.

Critérios adicionais que devem ser observados para o recebimento de doações:

- falhas de coleção ou exemplares extraviados;
- material existente mas em quantidade insuficiente para a demanda apresentada;
- obras raras ou especiais;
- estado de conservação.

Condições especiais vinculadas ao recebimento de doações não serão aceitas como, por exemplo, manter uma coleção separada no acervo da BCE.

Para efeito de patrimônio, toda obra deverá ter um valor atribuído em moeda corrente no país.

As doações que não forem incorporadas ao acervo da Biblioteca poderão ser descartadas, doadas ou permutadas.

5.2 Compras

A compra de material bibliográfico fica centralizada na Biblioteca Central e segue as regras da Lei 8.666 / 93 e posteriores alterações.

A verba recebida pela BCE de acordo com o orçamento da Universidade e destinada à compra de material bibliográfico será disponibilizada às unidades acadêmicas em cotas resultantes do estudo de urgências e prioridades.

A assinatura de periódicos deve observar as seguintes etapas:

- identificar comprovada importância na área;
- ter-se a intenção de manter a assinatura por pelo menos quatro anos;
- análise e aprovação pela comunidade a ser atendida;
- justificativa de especialista da área de cobertura do título.

5.3 Permutas

Permuta é o processo de troca de publicações entre instituições. O critério é qualitativo, ou seja, a troca não obedece à proporcionalidade de um para um. O objetivo principal é colocar o livro onde será usado para que cumpra sua missão de difusão da informação.

Portanto, não há, necessariamente, a obrigação de equivalência de quantidades entre títulos enviados e títulos recebidos pela UnB. Mais importante é o estabelecimento de parcerias entre instituições que busquem otimizar os recursos públicos e melhor atender a seus usuários.

A permuta de periódicos publicados pela editora da UnB ou por departamentos realiza-se por meio da solicitação da instituição interessada.

A permuta de livros dá-se por encaminhamento a outras instituições públicas de ensino da lista dos títulos em duplicata na BCE.

6 PROCESSO DE DESFAZIMENTO

A baixa de material pertencente ao acervo da BCE depende de avaliação de comissão permanente específica, instituída pela Resolução da Diretoria da Biblioteca Central n. 01/2013. Porém, o trabalho de identificação dos itens a serem indicados para a avaliação desta comissão faz parte dos procedimentos da Divisão de Seleção e Compras.

Os procedimentos para baixa do acervo da BCE seguem as definições da Instrução Normativa BCE n. 02/2013.

Os critérios gerais a serem considerados nas avaliações para execução da baixa são: condição física, custo de restauração ou aquisição, uso, quantidade de exemplares e atualização do assunto, além da adequação do assunto à missão da instituição. Estes e outros critérios acessórios devem ser avaliados no contexto da coleção como um todo, sempre buscando definir o grau de importância de cada obra para a completeza do acervo.

Coleções de pessoas ilustres, compradas ou recebidas por doação no período de formação inicial do acervo da BCE, não estarão sujeitas ao processo de desfazimento. Apenas em casos excepcionais, devido à má condição física, os títulos poderão ser indicados para a baixa, caso o procedimento, devidamente justificado, seja autorizado pela Direção da BCE.

7 DESCARTE

O material selecionado para descarte poderá ser doado, permutado ou eliminado, de acordo com sua origem. Caso seja um descarte proveniente de seleção do acervo, o descarte (ao qual nos referimos como material de baixa) deverá ser oferecido em doação e, o que desta forma não for utilizado, leiloado como material inservível.

O descarte proveniente da avaliação de material doado pela comunidade, poderá ser permutado ou doado a outras instituições públicas ou que desenvolvam projetos de fim social.

9 RECURSOS

Os recursos financeiros para compra de material bibliográfico são provenientes da Reitoria da UnB. Os recursos orçamentários existentes são para compra de material permanente, e subdivide-se em Recursos Próprios, oriundos da gestão da própria Universidade, e Recursos do Tesouro, encaminhado pelo MEC às Universidades brasileiras. O montante é definido anualmente.

Para contratação de serviços e assinaturas, a BCE deve negociar cada caso com o Decanato de Planejamento e Orçamento (DPO).

10 ATUALIZAÇÃO DA PDC

A política de desenvolvimento de coleções deverá ser reavaliada a cada dois anos para que se mantenha apta ao atendimento das necessidades dos usuários da biblioteca.

ANEXO II

Minuta – Ato da Reitoria n° X/99

MINUTA – ATO DA REITORIA Nº X/99

MINUTA (Anexo 3)

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Gabinete do Reitor

ATO DA REITORIA nº /99

O PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO E REITOR DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, no uso de suas atribuições estatutárias e tendo em vista o constante do Ofício Conjunto BCE/IL/CID nº 001/99, de /10/99,

RESOLVE:

I – Criar e manter em permanente funcionamento, o “Arquivo-Museu de Literatura Brasileira, da Universidade de Brasília(AML/UnB)”, nas dependências de sua Biblioteca Central, vinculado às Direções da Biblioteca Central(BCE) no que se refere às atividades técnicas-administrativas-operacionais, e do Instituto de Letras(IL) da UnB, no que se refere às atividades acadêmicas, literárias e de contatos externos.

II – O Arquivo-Museu de Literatura Brasileira será administrado por um Comitê composto:

- a) pelo Diretor da Biblioteca Central (membro nato);
- b) pelo Diretor do Instituto de Letras (membro nato);
- c) pelos dois Coordenadores responsáveis pela implantação do projeto de criação e funcionamento do Arquivo-Museu, sendo uma da Biblioteca Central e o outro do Instituto de Letras;
- d) pelo Chefe do Departamento de Ciência da Informação e Documentação-CID(membro nato); e
- e) por um Arquivista a ser contratado com recursos do projeto de criação e implantação do AML para, dentre outras atividades, chefiar o Arquivo-Museu.

III – A duração do mandato, a indicação e a nomeação dos membros do Comitê de Administração do Arquivo-Museu, citado no item anterior, bem como a periodicidade de suas reuniões, e ainda as suas competências e as suas atribuições, serão estabelecidas por Ato da Reitoria, após o cumprimento da fase de implantação do projeto do referido Arquivo.

IV – A Fundação Universidade de Brasília(FUB), após a implantação do projeto de criação e funcionamento do Arquivo-Museu, assumirá e garantirá o pagamento das despesas mensais de manutenção permanente do mesmo.

V – O Arquivo-Museu de Literatura Brasileira, da Universidade de Brasília, funcionará nas dependências da sua Biblioteca Central, em caráter provisório, até a data em que a Universidade possa construir prédio próprio para instalar os seus Arquivos-Museus.

VI – Este Ato entra em vigor na data de sua assinatura.


Brasília, de de 1999.

LAURO MORHY
Reitor

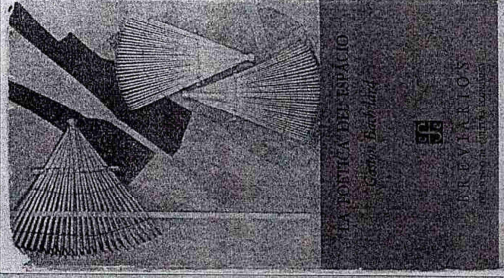
ANEXO III

Espaço Cassiano Nunes: letras e arte na BCE (folder)

Espaço Cassiano Nunes: letras e arte na BCE (folder)




Universidade de Brasília
Biblioteca Central



Espaço Cassiano Nunes

Letras e Arte na BCE



UnB

Contatos
 E-mail: espacocassiano@bce.unb.br
 Telefone: (61) 3107-2702

Quero deixar uma
 palavra viva
 perene,
 rumorosa

Que esse
 giroflê sonoro
 não apenas
 dê notícia de
 mim
 mas
 incite, perturbe,
 interrogue

Trevo fonético
 mensagem se bem que obscura
 não se imobilize horizontal
 - como eu
 que ficarei indiferente
 a tudo (alegrias ou
 dores),
 imerso no sono das
 pedras. Perdoe minha ausência.

Cassiano Nunes

Espaço Cassiano Nunes: letras e arte na BCE (folder)

O Espaço Cassiano Nunes (ECN), constitui coleção especial da Biblioteca Central da UnB destinado à pesquisa nas áreas das Letras e da Arte.

Missão

Guardar, conservar e divulgar o acervo literário, artístico e objetos pessoais do professor, escritor e poeta Cassiano Nunes Botica, doado à Universidade de Brasília.

Normas

Localizado no subsolo da BCE/UnB, o Espaço Cassiano Nunes está aberto ao público para pesquisa de segunda-feira a sexta-feira, de 8h as 18h.

Objetivos

Sob a direção da BCE/UnB, o Espaço Cassiano Nunes preserva essa importante doação com inovadora função de promover e difundir cultura, objetivo precípuo de bibliotecas universitárias, numa tríplice dimensão de ensino, pesquisa e extensão. Mais que isso, visa a formar leitores e pesquisadores universitários e acadêmicos, apoiando estudantes de graduação e pós-graduação e demais amantes da literatura e da arte na sociedade.

Benefícios

Para bem desenvolver os objetivos do Espaço Cassiano Nunes, constituiu-se uma Comissão de Projetos formada por sua Curadora, as diretoras da BCE e a do Instituto de Letras (IL), e um Conselho Consultivo.

Benefícios

Maior acesso à produção acadêmica e artística da UnB nas diversas áreas do conhecimento, numa interação comunidade universitária e sociedade.

Projetos

Edição e reedição de obras do professor e escritor Cassiano Nunes.
Prêmio Cassiano Nunes de Poesia e Prosa.
Calendário anual de eventos, segundo a aprovação da Comissão.

Funcionamento

O Espaço Cassiano Nunes funciona segundo leis e estatutos da Universidade de Brasília, assim como às políticas da Biblioteca Central.